A CENA MUDA



Nº 24 ★ 16-6-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

Fala Yvonne de Carlo: "JAMAIS ME APAIXONAREI POR HOMEM ALGUM"



INSINUANTE
ESTÁ FESTEJANDO
SÃO JOÃO
COM UMA TREMENDA
LIQUIDAÇÃO
ESTA SIM!
É QUE É
A MAIOR!
45.000
PARES QUE VÃO
SER QUEIMADOS
POR QUALQUER
PREÇO
insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA
DA AMERICA LATINA E É TAMBEM
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.
CARIOCA 46·48 – SETE DE SETEMBRO 199·201

A política do «rei» é aliar o prazer ao trabalho. De uma viagem de recreio à África surgiu «Mogambo»; de um passeio à Holanda, Clark trará «The true and the brave».

Comediante inteligente que é, Danny Kaye sabe que a «produção em massa» esgotaria seu repertório em pouco tempo. E assim, limita-se a um filme de quando em quando, entre temporadas de estrondoso sucesso no «music hall». Depois de «Hans Christian Andrsen», sobreveio uma longa «pausa para respiração», após a qual Danny tomou fôlego para duas atuações, em «Knock on wood» e «White Christmas». E já está de malas prontas para uma «tournée» pelos Estados Unidos, antes de «estrelar» a problemática biografia de Maurice Chevalier.

E há também o caso dos jovens Montgomery Clift e Marlon Brando, que não se prendem a nenhum contrato, e que recusam quase tôdas as oportunidades de filmar que lhes são oferecidas. Só assinam contrato por filme, e só filmam em casos muito especiais. Nada como a liberdade, é o seu lema.

Já passou a época em que acorrentar-se a um longo contrato era o sonho dos «astros». Essa escravidão já foi abolida. Agora é fazer-se desejar, aparecer pouco, e contar com a avidez de uma legião de admiradores.



O «rei» de Hollywood, os reis do Congo e a princesa do «sex-appeal».

Cary Grant: «Aos «scripts» faltam imaginação.



Lauren Bacall: «Ao cinema prefiro o lar».





«O grande ditador», de Chaplin (United), um dos grandes filmes exibidos em 1942.



«Estranha passageira» (Warner), de Irving Rapper, com Bette Davis e Paul Henreid, um belo lançamento de 1943.

«Uma velha amizade» (Warner), com Bette Davis e Mirian Hopkins, da seleção de 1942.



OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

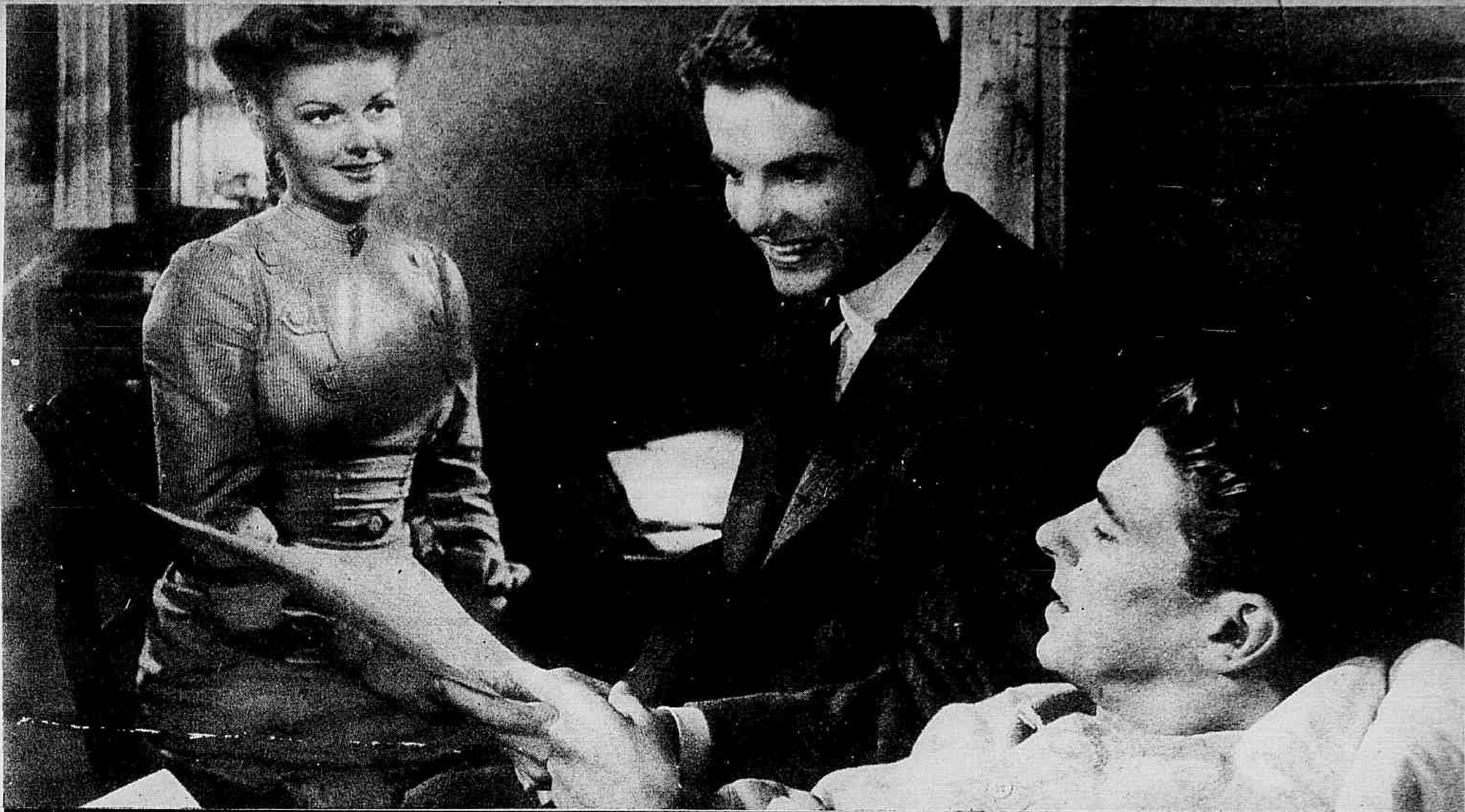
DE **JONALD**, EXCLUSIVO PARA **«A CENA»**
(Continuação dos números anteriores)

9.º — "INVASÃO DE BÁRBAROS" ("The Invaders", Grã Bretanha). Entre a enorme série de filmes do grande "ciclo" da segunda guerra mundial êste foi um dos que pontificou. Tudo porque, a fôrça descritiva residia na parte psicológica, expressando, através das personagens, tôda a hediondês de outros homens, responsáveis pelas carnificinas. A penetrante direção de Michael Powell colocou-o, desde então, entre os grandes cineastas contemporâneos. Um elenco de altas expressões, como poucas vêzes se reuniu: "Laurence Olivier, Leslie Howard, Anton Wolbruck, Raymond Massey e Eric Portman!

10.º — "NÁUFRAGOS" ("So enos our night", United). Emocionante filme, de impressionante conteúdo humano. Baseado em obra célebre mostrou, como poucas vêzes o cinema conseguiu, o drama dos refugiados de guerra. Distante das linhas de combate, os dramas são ainda mais pungentes e isto foi exposto com sobriedade e elevação da parte de John Cronwell, o realizador de "Escravos do desejo" (1.ª versão).

Há importantes filmes na resenha posterior aos 10 melhores do ano:

"SUSPEITA" (RKO), de Alfred Hitchcock. Uma trama de "suspense" tão bem construída quanto magnìficamente transposta pelo notável cineasta. Gary Grant, Joan Fontaine e Nigel Bruce estiveram perfeitos; "CONFISSÕES DE UM ESPIÃO NAZISTA" (Warner). Baseado em fatos verídicos foi um dos mais impressionantes filmes do "ciclo" anti-nazista. Paul Lukas, Francis Lederer e Edward G. Robinson destacaram-se muito. "PARIS ESTÁ CHAMANDO" (Universal). Outra magnífica epopéia anti-nazista, através de uma intensa orientação de dois cineasta: Jean Negulesco e Edwin L. Marin. A genial Elizabeth Bergner, ao lado de Basil Rathbone e Randolph Scott; "TEMPESTADES D'ALMA" (Metro). De mérito semelhante ou, talvez, superior em alguns pontos aos outros celulóides anti-germânicos já mencionados, mereceu de Frank Borzage um realismo a tôda prova. James Stewart, Margaret Sulavan, Robert Young e Frank Morgan; "E AS LUZES BRILHARÃO OUTRA VEZ" (RKO). Outro dos famosos e belos filmes que, na época, abriram o caminho para a vasta seqüência dos filmes da segunda guerra mundial. Robert Stevenson, orientando com proeficiência a Michèle Morgan e Paul Henreidt; "UMA MENSAGEM DE REUTER (Warner). William Dieterle mais uma vez colhendo lauréis da construtiva série de mensagens que dirigiu a alguns dos grandes vultos da humanidade. Edward G. Robinson, Albert Bassermann, Edna Best, Otto Kruger e Gene Lockhart os excelentes atores de sempre; "ADORÁVEL VAGABUNDO" (Warner). Filme de valor, de conteúdo social, do grupo que Frank Cappra dirigiu com brilhantismo. Gary Cooper e Barbara Stanwyck em valiosas atuações; "O LÔBO DO MAR" (Warner). Exatamente, a quinta versão ao cinema da novela de Jack Londo, Edward G. Robinson vivendo o cruel lôbo do mar, em papéis anteriormente desempenhados por Hobarth Basworth, Noah Beery, Ralph Ince e Milton Sills. Graças à direção de Michael Curtiz foi considerada a melhor de tôdas as transposições. A grande atriz Ida Lupino, Barry Fitzgerald e Alexander Knox colaboraram para o sucesso; "UMA VOZ NAS TREVAS" (Grã-Bretanha). Outro filme anti-nazista de grande envergadura. Anthony Asquith, o responsável por "Pigmalion", orientando Clive Brook e Dianna Wyniard, dois dos intérpretes do célebre "Cavalcade"; "SEGRÊDO DO PANTANO" (20th. C. Fox). Jean Renoir, um dos maiores cineastas do mundo, estréia em Hollywood, na primeira versão da novela cuja refilmagem foi apresentada no Rio, há pouco tempo, com Jean Negulesco na direção. Anne Baxter interpretou a heroína da primeira versão e Jean Pe-



«Em cada coração um pecado» (Warner), que ao lado de «Ídolo, amante e herói», ambos do cineasta Sam Wood, foram classificados, em iguais condições, como os dois máximos filmes da temporada de 1943.

ters a segunda. Há a curiosidade de Waler Brennan ter vivido o mesmo papel nas duas; "SEU ÚLTIMO REFÚGIO" (Warner). O famoso "High Sierra", emocionante e admirável filme de Raoul Walsh. Humphrey Boggart, Ida Lupino e Joan Leslie, três intérpretes brilhantes; "SOL DE OUTONO" (Metro). King Vidor, embora com a sua "estrêla" começando a empalidecer, alcançou ainda um filme pleno de sinceridade e finura. Ruth Hussey, Heddy Lamarr e Robert Young em um triângulo amoroso; "O SABOTADOR" (Universal). Uma sucessão de emocionantes climas de "suspense", como poucas vêzes o mestre A. Hitchcock conseguiu. Robert Cummings e Priscia Lane identificaram-se com as sensações; "LEMBRA-TE DAQUELE DIA" (20th. C. Fox). Uma professôra recorda para os seus alunos uma poética fase da sua vida. Henry King imprimiu sentimento e Claudette Colbert e Don Ameche deram cabal cumprimento à tarefa; "ESTRADA PROIBIDA" (Metro). Com acentuada vibração, Mervyn Le Roy conseguiu impressionar. Van Heflin impôs-se em Hollywood com êste filme, superando os "astros" Robert Taylor e Lana Turner; "FLORES DO PÓ" (Metro). A célebre novela "Blossoms in the Dust" mereceu especiais cuidados e passou ao cinema com discreto sentido de drama. Greer Garson, Walter Pidgeon e Felix Bressart mereceram encômios; "40.000 CAVALEIROS" (Austrália). Surpreendente realização de sentido épico. Direção de Charles Chauvel, com Grant Taylor, Betty Bryant e Pat Twohill; "CASA MALUCA" ("The Big Store", Metro). Os Irmãos Marx em uma das suas mais divertidas pilhérias, ao lado de Virginia Grey e Tony Martin; "NÃO SEI QUEM SOU" (Grã-Bretanha), distribuição Columbia). Diversos e favoráveis fatôres, inclusive um acentuado interêsse de expectativa cercaram esta película que apresentou Rex Harrison, Karon Verne e Leo Genn nas personagens centrais; "O MÉDICO E O MONSTRO" (Metro). Embora lìmpidamente inferior à penúltima transposição, de Rouben Mamoulian, com Fredric March, já evocada neste retrospecto, ainda foi muito bom espetáculo, através da direção de Victor Flemming. Spencer Tracy, Ingrid Bergman, Ian Hunter, Lana Turner e Donald Crisp agradaram bem em suas participações; "FUGA" (Metro). A novela de Ethel Vance proporcionou outra louvável direção de Mervyn Le Roy, conduzindo grande elenco: Conrad Veidt, Ala Nazimova, Norma Shearer, Robert Taylor e Bonita Granville; "BOLA DE FOGO" (RKO). Uma alegre e bem feita realização de Howard Hawks, com Gary Cooper, Barbara Stanwyck e Oscar Homolka; "DUAS VÊZES MEU" (Metro). George Cuckor orientando com muita felicidade um dos últimos trabalhos da insigne Greta Garbo. Uma comédia irreverente, interpretada com o excepcional e versátil talento da atriz ao lado de Melvyn Douglas e Constance Benett; "RAIO DE SOL" (Universal). O melhor filme da carreira de Deanna Durbin representou uma película admiràvelmente dirigida por Henry Koster. Charles Laughton dominou o elenco, seguido por Robert Cummings e Deanna; "PORTA DE OURO" (Paramount). Bom sentido humano teve a conduta de Mitchell Leisen na direção, orientando Olivia de Havilland, Charles Boyer, Paulette Goddard e Victor Francen; "UMA VELHA AMIZADE" (Warner). A direção eficiente de Vincent Shermann encontrou uma Bette Davis e a realização se impôs em bom estilo; "QUANDO A NOITE CAI" (Warner). Anatole Litwak, em grande fase da carreira, em um filme com a sua característica poesia e densidade dramática. Ida Lupino e Thomas Mitchell os melhores intérpretes; "A ESTRADA DE SANTA FÉ" (Warner). Um épico que focalizou com realismo uma importante fase da evolução americana, devassando até mesmo os erros de grandes figuras da época. Raymond Massey foi o mais destacado, incumbindo-se Errol Flynn e Olivia de Havilland de um leve fio amoroso; "MISTER V" (Grã-Bretanha). Uma trama de espionagem descrita com personalidade por Leslie Howard, na sua estréia como diretor e tendo, ao mesmo tempo, a principal responsabilidade do elenco; "BRUMAS" (20th. C. Fox). Entre os filmes da curta trajetória de Jean Gabin em Hollywood êste foi dos melhores. A história lembrava a de "Cais das sombras" e tanto Gabin quanto Ida Lupino se conduziram à altura dos seus merecimentos; "A MULHER DO DIA" (Metro). George Stevens, um dos maiores diretores da tela, orientando uma comédia de finura e subentendimento. Katharine Hepburn e Spencer Tracy, uma magnífica dupla; "ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE" (Paramount). Uma história de amor que se passa na guerra de secessão americana. William Wellmann conseguiu o suficiente a fim de expressar uma muito boa categoria às imagens. Barbara Stanwyck e Joel McCrea atuando com acêrto; "HOMENS DE MINHA VI-



«Ídolo, amante e herói» (FKO), de Sam Wood classificado em primeiro lugar, «ex-aequo», com «Em cada coração um pecado», ambos de Sam Wood, os melhores de 1943.



«Sombra de uma dúvida», de Alfred Hitchcock (Universcl), com Joseph Cotten e Teresa Wright, outro dos expoentes do ano de 1943.

«Sangue de pantera» (RKO), de Jacques Tourner, da memorável série de Val Lewton.



DA" (Columbia). Gregory Ratoff ainda com a inspiração que culminou com o belo "Intermezzo", em um filme de valor com Loretta Young e Conrad Veidt dominando todos os demais; "QUEM MATOU VICKY?" (20th. C. Fox). A idéia geral de "Cidadão Kane" posta em prática para um interessantíssimo e bem dirigido filme policial. Cada personagem conta um trecho dos antecedentes de um crime, sem situação de continuidade. Em cada uma das passagens, da mesma maneira que o filme de Orson Welles, êste fio policial passou, também, a ser muito imitado. H. Bruce Humberstone foi o diretor e Laird Cregar (o melhor intérprete), Carole Landis, Betty Grable e Victor Mature atuaram bem; "CAMINHANDO NA SOMBRA" (Warner). Relativamente ao gênero expectativa foi um feliz trabalho do diretor Lloyd Bacon. Brenda Marshall e Errol Flyn os intérpretes de realce; "AVENTURAS DE MARTIN EDEN" (Columbia). Para o gênero em que especializou Jack London, foi muito bem sucedida esta transposição, orientada com eficiência por Sydney Lanfield, com Glenn Ford, Claire Trevor e Evelyn Keys; "CONTRASTES HUMANOS" (Paramount). Uma boa ilustração do "ciclo". Preston Sturges no cinema, tendo sido uma esplêndida comédia. Veronica Lake Joel McCrea os principais do "cast"; "TERROR NO PARAÍSO" (Paramount). Um excelente diretor, John Cronwell e dois grandes vultos da tela, em qualquer fase, Fredrich March e Betty Field, tendo ao lado Sir Cedric Hardwyck em um filme que, embora não tivesse sido extraordinário, teve o seu destaque; "ALMA TORTURADA" (Paramount). Um filme surpreendentemente muito bom, dirigido por Frank Tuttle. Alan Ladd em um desempenho de valor que, sòmente doze anos depois, em "Os brutos também amam', viria a equiparar. Veronica Lake foi a sua companheira nessas aventuras policiais; "O HOMEM QUE QUIZ MATAR HITLER", Fritz Lang, em seu gênero predileto, obteve um filme que mantinha um "suspense" emocionante. George Sanders, Walter Pidgeon e Joan Benett, orientados de forma a agradar.

1 9 4 3

Não se modificou o panorama de 1943 frente ao anterior. A produção européia continuou diminuta, em face do agravamento da guerra. No habitual conjunto dos 60 melhores apenas meia dúzia de filmes não era originária dos Estados Unidos e sim da Grã-Bretanha. O "ciclo" dos filmes anti-nazistas crescia tanto quanto o "cilmax" da conflagração européia, antes da vitória das fôrças aliadas.

1.º — "ÍDOLO, AMANTE E HERÓI" ("The Pride of the Yankees", RKO). O mesmo diretor, Sam Wood, obteve os dois melhores filmes do ano. De dois assuntos totalmente diversos logrou um plano artístico igual. Em ambos, a inestimável planificação artística de William Cameron Menzies. Esta película foi uma evocação em tôrno do maior ídolo do "baseball" americano: Lou Gehering. Entretanto, isto pouco importa. Ainda que a biografia fôsse de um músico, de um pintor, etc. o que se impôs à altura de obra-prima foi um imenso sentido humano. A vida íntima, as minúcias caseiras, descritas em tôrno do desportista elevaram as imagens a culminâncias. De comovente simplicidade chega-se a um "climax" de simbolismo no inesquecível epílogo com o herói se afastando na penumbra do canto de um "estadium". Gary Cooper estêve admirável e a suave Teresa Wright contribuiu para a poesia singela que acompanhava a carreira de Lou. Walter Brennan e Babe Ruth (em pessoa) em bons desempenhos.

2.º — "EM CADA CORAÇÃO UM PECADO" ("King's Row", Warner). Sofreu muitas modificações a novela de Henry Bellamann. Por terem sido consideradas escabrosas, muitas situações surgiram de maneira diversa no filme. E as mudanças mais ainda acentuaram os aspectos dramáticos do árduo assunto. Foi, portanto, um triunfo ainda mais expressivo da parte de Sam Wood desdobrar o penoso tema em grande filme. Cumpre notar, também, a perfeição do roteiro de Casey Robinson e a funcional fotografia de James Wong Howe. O conteúdo, em meio das suas agruras, deixava uma eloquente mensagem no epílogo. O jovem que havia tido as pernas propositadamente amputadas por um sádico cirurgião (se julgava com o direito de castigar os pecadores) perdoa com magnanimidade. Ronald Reagan e Charles Coburn, respectivamente viveram êsses dois papéis com muita propriedade enquanto que o mesmo ocorria aos mais destacados elementos do filme: Robert Cummings (um estu-

dante de medicina); Claude Rains (professor e médico); Betty Field (a sua filha, reclusa em estranha morada); Ann Sheridan (que se apaixona por Reagan); Nancy Colleman (a filha do sádico cirurgião).

3.º — "O HOMEM LEOPARDO" ("The Leopard Man", RKO). Vai Lewton foi um produtor que passou tão fugaz (já faleceu), quanto grandiosamente na tela. O estudo dos seus filmes e de posteriores fatos revelou que influia muito junto aos diretores. Realizou um grande e glorificado "ciclo" de filmes de "Suspense" e terror, de maneira altamente artística e êste foi, inegàvelmente, o melhor da série. Nenhum dos vários orientadores que atuaram sob a sua direta supervisão logrou obter qualquer outro resultado, tão brilhante sem a influência dêste cineasta, inclusive Jacques Tourneur o responsável — pelo menos nos letreiros — por êste filme e o não menos famoso "Sangue de pantera". Porém, "O Homem Leopardo" não foi apenas o mais destacado dos filmes da seqüência de Val Lewton e sim, no gênero, um dos melhores de 25 anos de cinema falado. Ao lado de uma descrição inspirada em cinema puro e com soberbos efeitos de sons, foi um dêsses raros filmes que sugestionava fortemente o público. Em diversas sessões as mais variadas platéias gritaram de susto naquela indescritível seqüência da criança no túnel, na qual no instante em que estava sendo atacada pela fera o som captava todo o imprevisto e ensudercedor ruído da composição férrea no túnel. Tão excepcional quanto o conjunto foi o desempenho da grande Margo na supersticiosa heroína. James Beal viveu admiràvelmente o homem que se aproveitou da presença do leopardo na cidade, para cometer alguns crimes e Dennis Ó Keefe foi outro dos intérpretes.

4.º — "SANGUE DE PANTERA" ("The Cat Woman", RKO). Outro magistral filme do produtor Val Lewton, influindo sutil e genialmente em todos os setores da película e também junto ao diretor Jacques Tourneur. Uma fantástica e trágica lenda eslava inspirou a história. Sob determinadas circunstâncias e particularmente sob o influxo do amor uma linda mulher se metamorfoseava em pantera. A dificuldade do assunto foi contornada com muito talento pelos responsáveis sendo a sugestão pelo som e imagem um dos recursos mais vivos e brilhantes do "ciclo" Val Lewton. Por outro lado e da mesma maneira do que sucedeu com "O homem leopardo" (a presença de Margo) havia no elenco outro dos máximos vultos da tela: Simone Simon. O seu temperamento e feminilidade se amoldaram com perfeicão ao tão singular personagem da lenda. Tom Conway (irmão de George Sanders) foi outro eficiente colaborador dêste outro grande filme.

5.º — "NOSSO BARCO NOSSA ALMA" (Grã-Bretanha, "In Which We Serve"). Simultâneamente dirigido pelo autor da peça, Noel Coward e por David Lean (de "Desencanto") não foi apenas um filme que exaltava a marinha britânica e, sim, um dos mais humanos e sentidos do ano. Além da própria e magnífica atuação do próprio Noel Coward havia no elenco uma das mais sinceras atrizes contemporâneas, Celia Johnsson, a inesquecível heroína da obra-prima de David Lean: "Brief Encaunter". Todos êsses fatôres contribuíram para a alta qualidade artística das imagens.

6.º — "SOMBRA DE UMA DÚVIDA" ("Shadow of a Doubt", Universal). A angustiosa expectativa, à altura dos melhores filmes de Alfred Hitchcock. Um filme em que todos os fatôres se gruparam a fim de, mais adiante, vir a ser apontado como um dos máximos do difícil gênero do "suspense" da carreira do mestre britânico. A direção e interessantíssima história juntaram-se os precisos desempenhos de Joseph Cotten, Teresa Wright e Mac Donald Carey.

7.º — "A ESTRANHA PASSAGEIRA" ("Now, Voyager", Warner). A profundidade do texto do livro de Olive Higgins Prouty juntou-se a direção humana e poética de Irving Rapper a fim de obter um dos mais belos filmes do ano. "Se temos as estrêlas não desejamos a lua" citava a heroína, Bette Davis, em um dos seus preciosos desempenhos, no encerrar do filme. Paul Henreid estêve correto em outro destacado papel.

8.º — "O JOVEM MISTER PITTS" (Grã-Bretanha, "The Young Mr. Pitts"). Revivescências de fatos históricos, com o fiel relato da história de um jovem que salvou o seu país da invasão das Fôrças de Napoleão Bonaparte. Carol Reed que, mais tarde, seria consagrado como um dos maiores diretores do mundo, já manifestava o seu talento. Robert Donnat e Robert Morley em impressionante atuações.

(CONTINUA NO PROXIMO NÚMERO)



«O homem leopardo» (RKO), de Jacques Tourner, um dos mais excepcionais filmes de «suspense» de 25 anos de cinema falado. Margo, Dennis O'Keef e James Bread.

«Casablanca» (Warner), de Michael Curtiz, com Ingrid Bergman, [illegible] ggart e Claude Rains



«Nosso barco, nossa alma» (Grã Bretanha), de Noel Coward, com o próprio intérprete e Celia Johnson



FESTIVAL "BALLET" E TAMARA

ENTREVISTANDO, EM S. PAULO, A FAMOSA BAILARINA

DE JONALD



Toumanova nos momentos finais de uma das suas belas criações «A morte do cisne».

Pessoalmente, Toumanova é gentilíssima. Com a maior das atenções atendeu-nos no Hotel Jaraguá, em São Paulo, onde estêve hospedada.

Dado o interêsse e repercussão que têm alcançado, inclusive no estrangeiro, os festivais mundiais de filmes de dança, anualmente realizados no Brasil, as primeiras palavras da grande bailarina foram sôbre o assunto. Ficou muito contente com o fato de, finalmente, ter sido obtida licença para que os seus bailados de «Sinfonia eterna» concorressem, no setor de longa metragem, em «Festival Ballet», a terceira e grande reunião internacional de películas de dança. Citou, ainda, em volta dêste assunto, ter descoberto que, em Montevidéu, filmaram, sem sua autorização, e com luz não adequada, muitos dos seus bailados, quando da «tournée» no ano anterior. Esclareceu que, agora, com a sua nova viagem ao Uruguai vai «requisitá-los», amigàvelmente.

Toumanova tem preciosos «arabesques» e o seu equilibrio é dos mais perfeitos no mundo do «ballet»



Fácil, desta maneira, o assunto recair em volta de um outro seu filme, inédito no país e rodado na Grã Bretanha: «Invitation to the Dance», história e direção de Gene Kelly. O seu bailado é do estilo da dança foiclórica americana: «Ring Around the Rose». Animou-se, então, Toumanova e até cantarolou a melodia para nós. Contou que a película, iniciada em 1952, sòmente terminou há pouco tempo. Acha muito ousada a idéia de Gene Kelly, pois tôda a história em imagens é contada sem diálogos, ùnicamente através da dança. Acredita no êxito do filme, na estréia que se verificará em breve, em Nova York, mas não concordou com uma decisão da produtora, a Metro. Receiosa das tão diferentes características do filme, fêz incluir um desenho animado como o último dos contos do argumento, a fim de trazer um desfecho mais acessível ao público. A respeito de outra película que está sendo ultimada em Hollywood, em Cinemascope e «technicolor», «Deep in My Heart», conforme ocorreu na sua estréia no cinema (filme «Days of Glory», da RKO, em 1945) não interpreta nenhum bailado. Trata-se da história de uma cantora e não foi preciso «dublagem». A sua voz foi considerada excelente e, assim, vai revelar uma desconhecida facêta, no canto. E ficou satisfeitíssima, assim, não fôsse ela amante das novidades!

No cinema, se fôsse escolher um tema, preferia a filmagem de «Giselle». Certa vez o assunto estêve nas cogitações de famoso produtor e chegou a ser convidada. Infelizmente, foi um dêsses projetos que se vão adiando de forma a tomarem o aspecto de sonho.

No tocante ao futuro, Toumanova revelou que, de tal maneira se encantou com a cidade de Petrópolis e seus arredores pitorescos que comprou um terreno em poético local! Explicou que quando as glórias da fama a abandonarem não deseja viver nos mesmos locais e sim, durante algum tempo, em um país distante e, também em cidade pequena. Assim, romànticamente, pensa de ser mais fàcilmente esquecida e, da mesma maneira, encontrar uma outra maneira de sentir uma nova fase. Enfim, com tôda a sua versatilidade, Tamara tem mesmo dois mundos. Aquêle em que brilha, em um palco, tanto em gênero vivaz e brejeiro quanto no domínio do dramático-espiritual, quanto deseja refletir um outro nos criar uma outra realidade terrena. Como se encantou com os arredores de Petrópolis escolheu ali a futura «Shangri Lá», a busca da harmonia.

A CRÍTICA DOS ESPETÁCULOS DE TOUMANOVA

JONALD E A. NYFFENEG PARA «A CENA»



O público, entusiasmado, afluiu em massa. O belo auditório da Cultura Artística de S. Paulo apresentou lotações esgotadas nos três espetáculos. O primeiro dêles foi iniciado com algumas passagens de solos e «pas de deux» de «Les Sylphides». Pouco após o abrir do pano notava-se que a grande bailarina não apresentava o melhor da sua forma. A sua vida atual, filmando em Hollywood e, em meio de interlúdios, viajando em «tournées», para os mais diferentes pontos, a tem prejudicado. Entretanto, possuidora de larga experiência e de inegáveis recursos se esforçou para uma exibição apreciável. Contudo, o obstáculo acima apontado, a falta da presença de um Corpo de baile, para criar a necessária atmosfera, indispensável para um «ballet» romântico da categoria de «Les Sylphides» e, também, por não ser êste gênero o adequado a Roman Jasinsky a lembrança geral não satisfez. As impressões melhoraram na «Canzonetta», de Rossini, o segundo número. Toumanova, mais senhora da sua classe, e em um dos gêneros em que a sua versatilidade se amolda com eficiência, agradou mais e teve destacados momentos no «bolero». A coreografia, da própria artista, é comum mas com agradável unidade nos seus vários tempos. A seguir, Roman Jasinsky interpretou um trecho de «O baile dos graduados», de Lichine, «A dança do Tamborileiro» recordando, assim, os seus velhos tempos no «Ballet Russo de Basil». Aliás, para quem assistiu ao 2º Festival Mundial de Filmes de Dança («A dança e a imagem») fácil será notar a superioridade da sua atuação nas imagens. Embora não tão perfeito, Jasinsky saiu-se bem na execução de algo tão familiar ao seu estilo. A seguir, Toumanova interpretou a sua bela criação de «A morte do cisne». Aliás, o fêz em todos os três espetáculos mas no segundo dêles logrou a plenitude da sua interpretação. Tão sòmente uma questão de transmitir ou não a flama de espiritualidade já que, tècnicamente, estêve bem nos demais. Louve-se o seu esfôrço em suprir a falta de mais acurado preparo. Em cada número do programa atuava melhor do que o anterior. Em «O sonho», de Glazounoff, revelou outra coreografia de sua concepção, sem nada de relevante, e estêve precisa. Jasinsky, mais amoldado a um sentido leve, satisfez, relativamente, porque não é um «partnaire» para Toumanova.

O segundo espetáculo, o de maior êxito da curta temporada, graças à conduta já referida em «A morte do cisne», apresentou diversas coreografias de Toumanova. Nada de especial se observa nas suas idealizações. Como coreógrafa não alcança evidentemente o plano da excelente bailarina que é. «Romance» (de Rubinstein) e «Love Letters» (a célebre melodia que Victor Young compôs para o cinema) logram, entretanto, muito bons momentos graças à linha interpretativa da «virtuose» que ainda mais à vontade atua nos seus próprios trabalhos. Isto sem desmerecer a sua conduta em «Pas Classique» (Tchaikowsky) e em «Don Quixote» (Minkus). Sem dúvida, harmoniza-se muito o seu estilo com a técnica dêste bailado sendo particularmente exuberante o seu jôgo de mãos. Pena que, finda a exibição, se perca em maneirismos nada compatível para uma grande figura internacional. Os agradecimentos ao público, ainda que o gênero brejeiro do «ballet» se preste, não deve servir de motivos para exacerbações que não cabem em espetáculo de uma arte tão grande e, sim, nos musicais.

O terceiro espetáculo que havia sido anunciado com duas inéditas apresentações para a temporada («Swan Lake» e trechos de «Quebra Nozes») foi, porém, uma reapresentação dos

(Cont. na pág. 34)

«The Fair Doll», uma cena de «Sinfonia eterna», da 20th. C. Fox no qual evocou a firgura da imortal Pavlova.

FALA UM GÊNIO DO CINEMA E DO TEATRO



Cinema e Teatro — duas artes diferentes.

DECLARAÇÕES DO "BATISTE" DE "LES ENFANTS DU PARADIS"

De SANIN e L. BOLTSHALSER, exclusivo para "A CENA"

Diretor genial e inteligente, da maior companhia teatral da França, intérprete de rara envergadura, profundo conhecedor da profissão, teórico no que teoria encerra de pureza, poeta lírico da cena — eis Jean Louis Barrault.

Uma vida inteiramente dedicada a arte. Trabalhador incansável, respeitador incondicional do público, o que êle nos apresenta é fruto de um labor exaustivo, de um trabalho precioso e honesto. Tivemos oportunidade de assistir aos ensaios de "O Misantropo" de Molière que êle dirigia. Surpreendeu-nos a meticulosidade, a preocupação do detalhe que rege cada situação. Perante às cortinas abertas sob uma luz amarelada e imprecisa, Jean Louis (assim o chamam seus companheiros) sentado, apoiando-se no espaldar da cadeira, de costas para a platéia vazia, domina com sua voz possante, de timbre metálico, clara e precisa, os movimentos dos atores. Não se exaspera, é sempre calmo e gentil não se furtando vez por outra à blague, à tiradas jocosas e oportunas. Concluída a repetição com os atores, apesar dos inúmeros auxiliares que dispõe o Teatro Municipal, é êle mesmo quem vai mover a escrivaninha e a cadeira a fim de situá-la na melhor posição dentro da cena. Note-se que êste mover significa apenas alguns centímetros, uma ligeira torção e durou nada menos de quinze minutos. Quanto ao seu mais humilde servidor, deve-se notar o respeito com que o trata e o prestigia. Cada elemento do complicado mecanismo teatral é para Barrault um ídolo desta complexa seita e merece como tal a reverência dos "fiéis". Assim foi que no último espetáculo trouxe-os todos, maquinistas, eletricistas, carpinteiros à cena para que partilhassem com os atores, a honra do aplauso.

«Baptiste» foi o personagem no qual me encontrei», declara Barrault em sua sensacional entrevista.



À noite se daria a estréia da peça. O teatro estava repleto. Nos bastidores circulavam inquietos os atores maquilados e vestidos. Andando, repetiam seus papéis; o sussurro pareceu-nos uma prece. O ponto que geralmente não funciona, alojado atrás do cenário. Madeleine Renaud não atuará esta noite; deseja a todos felicidades, acena como querendo desembaraçar-se do "elan" que a une ao palco e retira-se para a sua friza, de onde assistirá a peça que sua companhia encenará. A velha "habilleuse", há muitos anos na Companhia, tem um lugar de honra: senta-se numa cadeira, nos bastidores, ao lado da cortina de onde pode divisar tôda a cena. No palco, ainda fechado, todos estão a postos. O último olhar de Barrault e êle pronuncia a palavra "mágica" que aqui não ousamos repetí-la. Os fatores repetem-na uns aos outros. Paira no ar uma alegria nervosa que surpreende; afinal a longa experiência...

O contra-regra dá as pancadas convencionais. As cortinas abrem-se. Desvenda-se o mistério. Tem início o "jôgo".

Barrault que só entrará quando o primeiro ato já estiver à meio, circula nervoso olha através das coxias, repete seu texto atento às reações dos espectadores. À primeira gargalhada, toca a madeira; sorri satisfeito, dirige-se à "habilleuse":

— Ouves?!

Este homem dinâmico que faz cinema (e bem), tivemos oportunidade de ouvir.

Por justificadas razões o encontro nos emocionou; vamos porém às suas declarações:

A primeira pergunta referia-se às influências que mais marcaram na sua formação artística, excessão a Charles Dullin, seu mestre.

— De modo geral, respondeu-nos, poderia citar Copeau, Jouvet, Antonin Artaud e, embora pareça contraditório, a da Comèdie Française.

— Quais os papéis que marcaram etapas importantes na sua carreira teatral?

— O personagem de "La Terre est Ronde" de A. Salacrou, o "Hamlet" de Shakespeare, os principais personagens das peças de Claudel e o carpinteiro da peça de Kafka-Gide-Barrault — "O Processo".

— Em tôda sua carreira de intérprete qual a personagem com o qual encontrou maior afinidade?

— "Baptiste", da pantomina escrita por Jacques Prevert e que tive ocasião de levar ao público carioca na minha primeira estada no Rio.

— Como você escolhe as peças de seu repertório?

— De maneira geral, coloco-me na situação de espectador diante da peça lida. Faço-me então a pergunta: "Gostaria de ver tal peça montada?" A resposta afirmativa equivale a montagem da peça.

— Como ator você prefere o teatro ao cinema. Por que?

— Sim, prefiro o teatro ao cinema. No teatro tem-se maior liberdade de criação. quando se é um ator.

— No cinema, depois de Baptiste do filme "Boulevard do Crime", qual o papel que poderia ainda seduzí-lo?

— Van Gogh

— Até que ponto o teatro pode assimilar o cinema sem degenerar suas características próprias?

— O emprêgo dos recursos cinematográficos no teatro pode desvirtuar suas próprias peculiridades tornando-o um espetáculo híbrido. Pode-se entretanto, empregar a projeção cinematográfica para movimentar um cenário, apresentar um intérprete "irreal" que contracena com o personagem em cena e alguns outros usos bastante singulares.

— O filme "Conflitos de Amor" desencadeou uma onda de protestos nos Estados Unidos. Qual a sua opinião sôbre êste filme? A quarela se justifica?

Surpreendam-se agora os leitores, ante a resposta. Note-se porém que Jean Louis Barrault é um dos principais intérpretes da película.

— Não poderia opinar sôbre o mesmo pois não o assisti. Isto não prova pouco caso; faltou?me tempo.

— O teatro não muda; o cinema procura sempre novas formas tais sejam o "Cinemascope", a "3-D" etc. São estas, provas de esgotamento?

— O princípio que rege o cinema é técnico. É a arte das conquistas técnicas. O princípio que rege o teatro é a interpretação; o teatro tem a eternidade no seu princípio. É natural as conquistas técnicas do cinema; torna-se entretanto necessário a êle, não se submeter indiscriminadamente a êstes recursos com o perigo de afogar a arte.

Finalmente, pedimos a Barrault que transmitisse aos leitores jovens de "A CENA" o seu conselho de mestre, especialmente àqueles que desejassem fazer da arte sua razão de sêr. Ei-lo aqui transcrito:

— Cuidado, paciência. Evitem os caminhos mais fáceis sempre os mais perigosos para a arte. Não corram com avidez à fonte. A beleza de uma excursão reside na fadiga que ela provoca.



15 MINUTOS COM MADELEINE RENAUD

De L. BOLTSHALSER, exclusivo para "A CENA"

POUCOS minutos faltavam para o início da récita de despedida da companhia Madeleine Renaud - Jean Louis Barrault, quando a atriz nos acolheu, tôda gentilezas, em seu camarim. Dêsse breve contato saímos com a mais agradável das impressões; a espôsa de Jean Louis Barrault é, além de grande intérprete, uma mulher encantadora, cativante por sua simplicidade. Madeleine Renaud transpira uma juventude que não está no rosto, mas na expressão. Na tranqüilidade do seu olhar ou na simpatia de seu perene sorriso. Ama a vida, e fala dela com um entusiasmo que raramente se encontra, mesmo nos jovens em idade, ou principalmente entre os representantes dêsse gênero de juventude. Refere-se ao teatro sempre com especial carinho, do seu trabalho, com verdadeiro fervor, pautando tôdas suas opiniões em uma sinceridade evidente.

Enquanto Madeleine Renaud preparava-se para reviver a figura de Isabel, a católica, começamos as nossas perguntas. Pedimos inicialmente que ela nos transmitisse suas impressões do movimento teatral em Paris. Mme. Renaud sorriu:

— «Estou sempre tão absorvida por meu trabalho que dificilmente encontro tempo para assistir às realizações dos meus colegas. Posso afiançar-lhe, porém que a última temporada não foi das mais brilhantes com respeito à grandes produções dramáticas. Uma peça, entretanto, particularmente me impressionou: «L'alouette», de Anouilh. O que há de confortador no panorama teatral parisiense, é que se verifica atualmente uma floração de valores novos, como Suzanne Flon, Maria Casarès, e os discípulos de Roussin».

Em seguida, quisemos saber de Madeleine Renaud em que gênero de papéis sentia-se ela mais à vontade. Nos papéis leves, como os de Marivaux ou Molière, ou nos dramáticos, como Lucille, de «Pour Lucrèce», ou «Elizabeth da Inglaterra».

— «Ainda que a minha natureza se adapte melhor aos papéis leves, não direi que os prefiro. Amo de igual modo todos os papéis, desde que sejam humanos e reais. Todos os grandes sentimentos enchem-me de satisfação e alegria.»

E as influências recebidas por Madeleine Renaud? Quais as que teriam marcado mais profundamente seu temperamento artístico?

— «Tôda a minha existência, vivi ao lado de artistas admiráveis, que, naturalmente, muito contribuíram para a minha formação. Entretanto, posso afirmar que a vida tem exercido maior influência em mim, a vida, a música... a natureza, tudo o que possa elevar.»

Quanto á desejar desempenhar um determinado papel, em especial, Madeleine não demonstra preferência por nenhum. Confessa, entretanto, que tinha muito mêdo de incarnar Celimène, papel que, segundo ela, fêz questão de mostrar ao público carioca...

Passando à generalidade, perguntamos a mme. Renaud se ela achava perigoso para um ator encontrar um sucesso brusco em um papel caracterizado demais, que o arriscasse a se repetir posteriormente.

— «Não se o ator não fôr presunçoso, se êle estiver convencido de que o teatro é um aprendizado constante. Em caso contrário, êle certamente fracassará em um outro papel.»

Do teatro, passamos ao cinema. Madeleine Renaud foi a intérprete de muitos filmes de valor, que não vieram ao Brasil. Entre êstes, citemos o famoso «La maternelle», de Benoît-Lévy; «Marie Chapdeleine», de Duvivier; e «Lumière d'été» e «Remorques», de Jean Grémillon. Perguntamos-lhe se seus papéis no cinema a tinham agradado, e se ela pretendia ainda atuar em filmes. Madeleine Renaud declarou que estava satisfeita com as suas atuações no cinema, que primaram, não pela quantidade, mas pela qualidade.

— «Tive a sorte de aparecer em grandes filmes e em belos papéis, tendo trabalhado também com realizadores de talento. Guardo uma recordação grata do meu desempenho em «Le ciel est à vous».

Perguntou-nos se havíamos visto o filme. Sim, havíamos, e acháramos comovedor o desempenho de mme. Renaud ao lado de Charles Vanel. Ela sorri, satisfeita, parecendo concordar conosco. Será que reveríamos na tela ainda a intérprete sincera de Thérèse?

— «Como não? Desde que encontre papéis adequados à minha idade. Infelizmente, na França estão mais interessados em «pin-ups» do que em atrizes, e não há um lugar para mim no cinema. Em Hollywood, uma Bette Davis ou uma Barbara Stanwick encontram sucesso nos filmes porque atuam em argumentos escritos especialmente para elas. Papéis de mãe, por exemplo... Eu voltaria ao cinema se me fôsse oferecido um argumento interessante. Estou pronta a me apaixonar por um papel que seja realmente humano.»

Como espectadora, Madeleine Renaud não dispõe de muito tempo. Não tem preferência especial por um determinado cinema. Gosta do que é belo e bem realizado, quer seja francês, americano ou italiano. Entretanto um filme francês que ela assistiu recentemente, entusiasmou-a em especial: «Brinquedo proibido». Mas ela lamenta a escassez de tempo, que não a deixa apreciar os bons filmes exibidos em Paris. E acrescenta:

— «Imagine que eu perdi até a vossa bela película, «O Cangaceiro»... Quanto lamentei que isto acontecesse!»

O primeiro sinal para o início do espetáculo soou. Ainda uma última pergunta, feita às pressas. O que aconselhava Madeleine Renaud aos jovens que sonham em fazer teatro:

— «Amar exclusivamente o teatro, dedicar-lhe sua vida inteira... Muitas ambições, mas nem uma sombra de arrivismo. Nunca pensar no nome, nos cartazes ou nos «cachets» polpudos. Amar o trabalho, estudar sempre, progredir até a morte. Nunca esquecer que a profissão teatral é de tôdas a mais difícil, e que a vida enriquece constantemente o ator de novas experiências.»

A POESIA NA TELA

De ISMAR PORTO, exclusivo para "A CENA"



«— Repartes lágrimas, e sonhos, comigo Julieta?» (Leslie Howard e Norma Shearer).

A poesia no cinema é descrita por rimas, estrofes métricas nem pelos arpejos da poesia moderna. No cinema a poesia é descrita pela intenção da imagem, seu potencial lírico pode resumir-se todo num objeto, num olhar e cabe ao diretor transmitir à tela o poema engendrado por um poeta e que a máquina nos traz à sensibilidade.

Clifford Oddets em "Apenas um coração solitário" descreve alguns poemas. Canta o soldado desconhecido com uma simplicidade e profundidade digna de Boaudelaire.

— Podia ser meu filho.

— Podia ser meu pai.

É o diálogo simples de 2 desconhecidos, representantes do passado e presente, frente ao túmulo simbólico. Que amarga filosofia paira no ambiente, e preside o instante!

«— Façamos um cemitério e enterremos os ódios». (Brigitte Fossey e Georges Poujouly, em «Brinquedo Proibido»)



A poesia cinematográfica também se apresenta em simples objetos: um lenço branco manchado de sangue, pendurado num curral do oeste, batido pelo esquecimento e poeira nos fala de um bandoleiro tísico, quase shakespeareano, que afogava seu passado, dissipando-o no mal. "Paixão dos fortes" de John Ford, cena final: epílogo de um poema triste.

A chuva ao encharcar á terra, alimentando-a nesse amplexo amoroso do céu com a terra, nos lembra "Amor á terra" que Renoir com seus rudes e simples personagens nos transmite êsse sentimento eterno da benção da natureza.

"Se todos que vivem juntos se amassem, a terra brilharia como o sol", epigrama triste do pierrot eterno, traído mais uma vez pela colombina volúvel".

Com que fôrça poética, com que expressão êle estravasa tôda sua dor, seu desespêro de solidão numa frase borrada num espelho:

Poesia e dança, duas artes em função do cinema (o «Adágio» na mazurca, de «Les Sylphides», com Moira Shearer e Robert Helpmann).



"Aqui jaz Batiste". Jean Louis Barrault em rimas mímicas transmite-nos todo amor, paixão, dor e desespêro do eterno pierrot em "Les enfants du paradis".

"A pérola" poema-ode aos simples, aos indefesos de um mundo egoista, avaro e assassino.

"Adúltera" canto de amor juvenil escrita com a câmara mestra de Autant-Lara.

"Se você morrer quem falará de mim?", dizia a moderna Manom no canto de despedida entre as dunas de um mundo vazio, sem olhos, para vê-la, bôca para falar-lhe e ouvidos para interceptar seus suspiros.

Só a poesia nos mostraria uma fera tão bela. Só Cocteau nos transportaria ao ambiente fantástico e sublime da lenda. Tanto "La belle et la bête" como "Orfeu" nos demonstra tôda atmosfera de sonho eterno, dos mistérios, da abstrata procura ao inexistente. Foram os mais verdadeiros filmes poéticos, na acepção da poesia, realizados até hoje.

Houve, em cinema, morte mais bela que a de Joan Crawford em "Acordes do coração"?

Quando se ouviu versos que cantassem a pureza e encantamento da criança, como as imagens de "Brinquedo proibido", em seu grito de revolta ao egoísmo dos adultos e às guerras?

Há Chaplin, poeta humanista e de suas mensagens, otimistas de esperanças, em cantos de amor endereçados a todo mundo que o ama e compreende. O eterno vagabundo na luta pela sobrevivência da dignidade humana criou poemas de rara beleza. Chaplin criou um tipo poético tão idealista quanto D. Quixote.

O cinema leva acentuada vantagem, no impressionismo e expressionismo poético, sôbre os versos de papel e tinta. Os documentários contam com mais fôrça a beleza da natureza que as linhas rimadas de uma ode, por mais que nossa imaginação conceba.

No cinema, até os monstros contêm lirismo. É o caso de "Corcunda de Notre Dame" gemendo por entre sua máscara horrenda, confessando às insensíveis pedras: "por que não nasci como vocês..." É ainda quando o primeiro Frankenstein (Boris Karloff) brinca com uma menina que atira pétalas de rosas num lago. Quando se acabam as flores, o corpo da menina figura, boiando, entre as flores do lago. É lirismo, é criação, é o cinema servindo a poesia com sua fôrça e intensidade que ofusca qualquer outra arte em confronto.

Antes de encerrar, vamos reproduzir um pequeno trecho de autoria de Jonald no tocante ao amplexo das imagens com uma outra e admirável arte, abordando o tema da presente crônica:

"A poesia da dança e o seu imenso simbolismo nos aproximam de um outro meio de expressão, abstrato, devaneador ou, freqüentemente, de infinita grandeza, a vaga sugestão da linguagem de outras esferas, superiores. Uma sugestão de poéticos contactos com a lembrança de etéreas regiões, de mais bondade compreensão e amor".

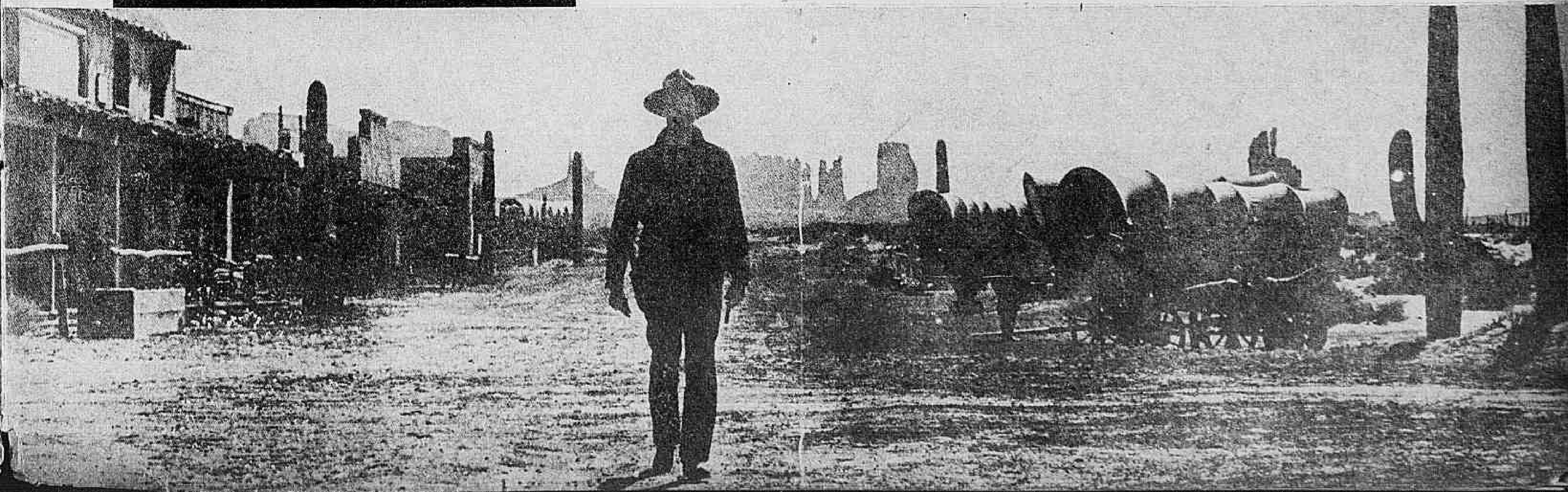


«Aos humildes, meu reino». (A poesia dos simples em uma obra prima: «Amor à Terra»).

O sonho eterno da fantasia e da lenda. (De Jean Cocteau: «A Bela e a Fera»): « Transporta-me Fera, a sua vivenda nas nuvens do amor».



Epilogo de um poema triste, inspirado no pictórico (cena final de «Paixão dos Fortes», com Henry Fonda).





Ronald Colman e Signe Hass, em «Double Life», da Universal.

OS GRANDES VULTOS DA ATUALIDADE (E DO PASSADO)

XII — RONALD COLMAN

H. ANDERSEN, exclusivo para "A CENA"

I — DE JONALD: O PERFIL ATRAVÉS DAS IMAGENS

"Ronald Colman expressa bem a elegância e a capacidade na arte de interpretar. Possuindo uma excelente dicção, retira um partido pouco comum ao inflexionar os diálogos e, como poucos, tem uma movimentação cênica admirável. É fato que, ùltimamente, a idade vem influindo para que, por exemplo, a sua voz não tenha mais a fluência dos outros tempos, mas ainda continua sendo um dos expoentes no seu difícil setor. Possuindo magnífica sensibilidade dramática mostra um pendor mais acentuado para viver os papéis de caráter sóbrio, afetivo e freqüentemente infeliz. Quando consegue reunir essas características para um protagonista que congrega também credenciais de elegância exterior e moral está perfeitamente no seu melhor meio artístico. O grande ator tem uma memorável carreira que vem desde o cinema silencioso. Entre as impressões máximas avulta no falado, o médico de "Arrowsmith" baseado no famoso livro e exibido entre nós em 1932, com o título de "Médico e amante". Aquêle soldado que perdia a vista em "The Dark Angel" ao lado de Vilma Banky, figura também entre as suas "performances" distantes de muito valor. Há também "A Irmã Branca", o "Beau Geste", primeira versão, no mesmo papel interpretado mais tarde por Gary Cooper, muito considerados pelos biógrafos. Em desempenhos relativos aos últimos anos há, também, outras primorosas lembranças: "A luz que se apaga", baseado em um poema de Kipling, "Horizonte perdido", "A queda da Bastilha" ou, mais recentemente, a película que lhe valeu o grande prêmio da Academia: "Fatalidade".

Consciencioso, inteligente e culto representa um dos raros valores do cinema silencioso que continuou com brilhantismo até os dias atuais. Tudo isto reverte a favor de uma sadia formação moral. Pessoalmente deve refletir tôda a distinção de maneiras que irradia em seus trabalhos.

II — A VIDA E A CARREIRA (H. ANDERSEN)

Ronald Colman é inglês de Richmond, Surrey. Nasceu a 9 de fevereiro de 1891.

Educou-se em Littlehampton, Sussex e fêz o seu "debut" em Londres no ano de 1914.

A Guerra fôra deflagrada na Europa e Colman é mobilizado. Quando volta a Londres representa nos teatros uma série de peças entre as quais "The Maharani of Arakan", "The Misleading Lady", "Damaged Goods" "The Little Brother", etc.

Grangeara fama, e experiência teatral para êle já era um fato. Resolve então fazer uma "tournée" fora da Inglaterra, num país de língua inglêsa e optou pelos Estados Unidos. A sua peça de êxito foi "East is West". Nos palcos novaiorquinos apresentou ainda "The Green Goddess" e "The Nightcap".

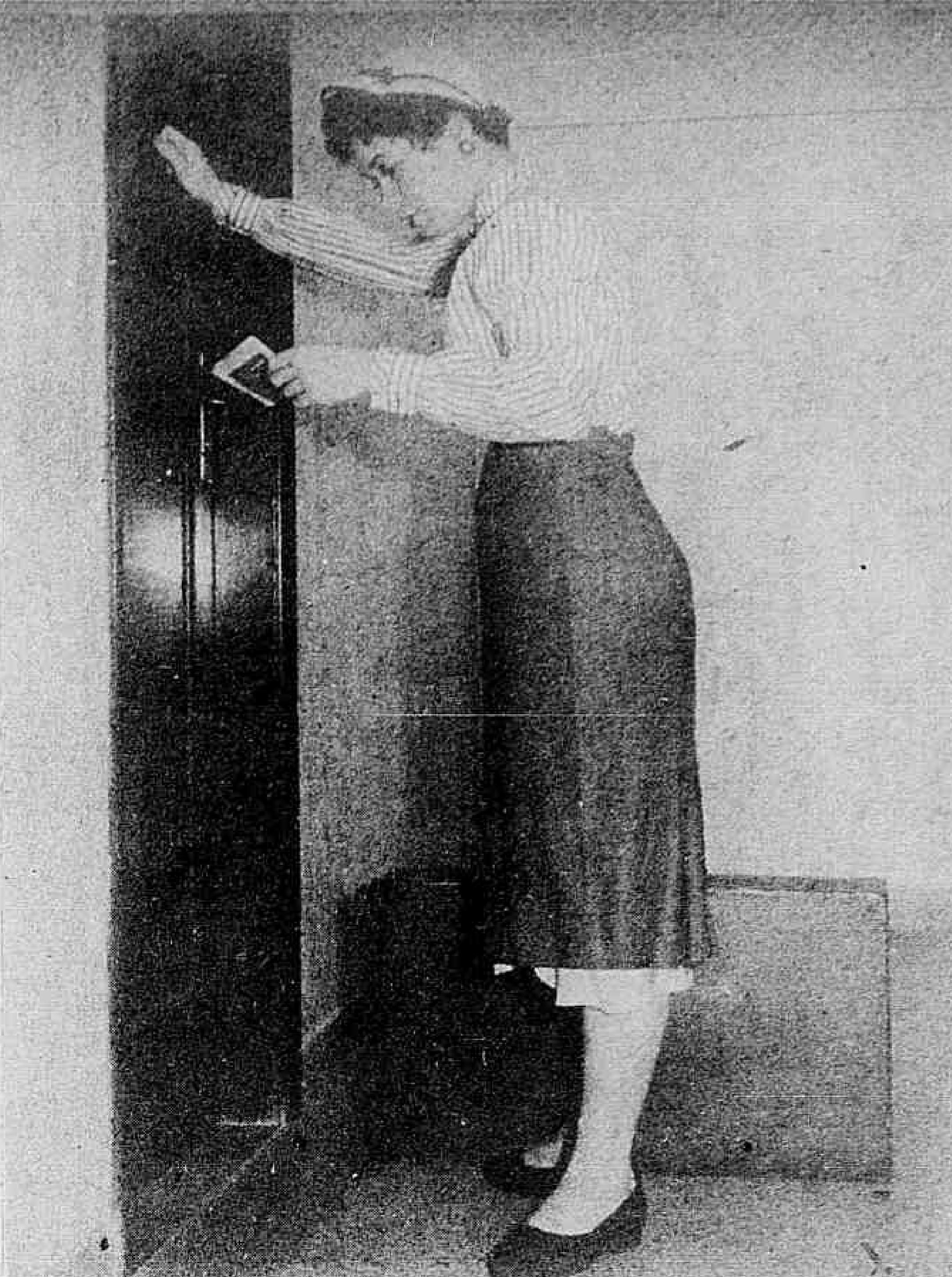
A sua primeira "tournée" em país estrangeiro foi coroada de



Em «Fatalidade», Ronald Colman atingiu o ponto culminante de sua carreira.



Estenógrafa e dactilógrafa competente (precisa-se de uma «boa» dactilógrafa), trabalhou em um escritório onde ficou vários meses. Depois, não sabe bem por que, resolveu abandonar a profissão e vir para o Rio.



A «caipira» que não conhecera até então outra cidade maior que Lorena, chegando ao Rio, bate na porta certa. Hospedou-se na casa de seu avô e saiu em busca de Pascoal Carlos Magno. Ingressou no Teatro do Estudante, onde não aprendeu pròpriamente a fazer teatro mas a amá-lo. Daí em diante sua ascenção foi rápida e vertiginosa.



Consuelo Leandro (sem as asas), continua apesar disso, subindo artìsticamente. Sucesso atrás de sucesso, vai se fixando e confirmando, à cada apresentação, seu prestígio e talento de comediante do cinema e do teatro ligeiro.



Os ambientes palacianos da Renascença, suas intrigas e romances

NOVELA DAS IMAGENS O CARRASCO DE VENEZA

E L E N C O

Tintoretto...ARMANDO FRANCIOLI
Orsanigo.....GIORGIO ALBERTAZZI
Fábia..............FRANCA MARZI
D. Diamante.AMPARITO RIVELLES
Nikla.....MARIA GRAZIA FRANCIA
Promotor........MASSIMO SERATO

FICHA TÉCNICA

Produção:
C. C. B. — ROMA

Direção:
VITORIO COTTAFAVI

Fotografia:
MASSIMO VALLAMANO

Argumento:
GIAN PAOLO CALLEGARI, CELSO MARIA CARATTI, GIUSEPPE MANGIONE E VITTORIANO PETRILLI

Distribuição:
TELEFILMES DO BRASIL LTDA.

Lutas violentas que caracterizavam uma época.



Estamos em Veneza no século XV. Orsanigo, capitão de galeras da República, entra na cidade, trazendo prisioneiros da Dalmácia, que se haviam revoltado contra os novos impostos. Entre êles, encontram-se o chefe, Ivan Banich e sua filha, Nikla. Instigado por sua mulher, Diamante, o capitão Orsanigo transporta para o seu palácio, o ouro que roubara aos Dalmatas; êle aproveita a ausência do Doge, para apoderar-se dos tesouros. Orsanigo instaura o processo dos prisioneiros, que tem lugar no Palácio dos Doges. Banich é condenado à fôrca. A execução é feita no mesmo dia na sala de torturas das prisões subterrâneas. Nikla é poupada, pois Orsanigo cobiça a sua juventude e sua beleza loura, para despeito e ódio de D. Diamante. Nikla, porém, tem simpatia pelo jovem oficial Giuliano, que procura protegê-la, sempre que possível. Orsanigo ordena que Nikla seja utilizada como empregada em seu palácio, e D. Diamante aproveita para humilhá-la o mais possível, usando de todos os meios para eliminar a odiada rival. Giuliano, que é partidário do movimento de resistência conduzido pelo pintor Tintoretto, apaixonou-se por Nikla e deseja salvá-la a todo custo. Não tem sorte, entretanto, em seu primeiro plano; auxiliando Nikla a fugir, é aprisionado juntamente com ela. Os simpatizantes do Doge estão em guerra contra os homens de Orsanigo, e a todo momento, sucedem-se ataques e lutas, nas quais perdem a vida, elementos


O sofrimento de Nikla.


Contraponto à violência — o amor.

de ambas as correntes. Tintoretto possui uma amiga ciumentíssima, a formosa Fábia, que, apesar de viver ameaçando-o de morte, ama-o com loucura. Tintoretto sabe que pode contar com Fábia em qualquer ocasião. Os partidários do Doge, aproveitando-se da prisão de Giuliano e Nikla, tentam provar a culpabilidade do traidor Orsanigo, e não conseguindo, marcam um golpe para o dia da execução de Nikla e Giuliano. Num ímpeto de ciúmes, Fábia, crendo-se enganada pelo seu amante, vai procurar D. Diamante, a quem promete entregar o célebre e desconhecido revolucionário, "O Lôbo", com a condição de que seja poupada a sua vida. D. Diamante tenta em vão arrancar de Fábia o nome do rebelde, mas aquela não revela| Sempre instigado por sua ambiciosa espôsa, Orsanigo pretende dar um golpe de estado, apoderando-se da cidade, golpe êsse que se iniciará com a dupla morte de Giuliano e Nikla. E na manhã da execução, quando Orsanigo e D. Diamante estão presentes, Tintoretto e seus homens invadem a prisão subterrânea, liberando os outros prisioneiros, que se juntam, assim, ao movimento de revolta. Uma grande e memorável batalha tem lugar no recinto; travando-se um duelo entre o despótico Orsanigo e o simpático Tintoretto, êste elimina o seu contendor. Nikla e Giuliano são liberados. Neste momento, chega o Doge encontrando a sua cidade em grande desordem. Êste derramamento de sangue, porém, não foi inútil; o Doge verificou a lealdade de seus súditos, e tanto Fábia e Tintoretto, como Nikla e Giuliano construirão um lar onde haverá paz e amor, inteiramente livre de ódios e ambições!





REENCONTRO NA TELA

MARIA HELENA, exclusivo para "A CENA"

Simone Roussel mais conhecida como Michèle Morgan com cabelos castanhos claros e olhos azul turquesa, possui traços finos cuja harmonia, dará um dos mais belos rostos de mulher, em qualquer parte do mundo. Êste rosto e um imenso talento veio enriquecer o cinema francês e oferecer ao fã um dos expoentes femininos da cinematografia.

Que dirá o admirador se Jean Marais, o louro e belo galã encontrar na tela Michèle Morgan? Teremos então um dos mais belos pares de apaixonados que apareceu no cinema. Pois justamente antes de fazer na Itália o monumental "Fabíola", Michèle Morgan encontra Jean Marais e formam o par amoroso de "Aux yeux du Souvenir" (Encontro com o Destino). Jean Marais era um pilôto que se apaixonara por uma aero-moça (Michèle Morgan), depois de algum tempo juntos, Jean Marais decepciona sua bem-amada, que se vê obrigada a fugir. Encontra apoio e consôlo em Jean Chevrier, que também a ama, mas ... o Destino intervém e prepara um reencontro para os dois, que fazem escala em Dakar ao mesmo tempo. Marais não a esquecera, pelo contrário, agora tinha conta do grande e imorredouro afeto, Michèle também o amava, mas procurava enganar-se, temerosa de nova decepção. A aproximação é inevitável e o reatamento também, com prejuizo para Jean Chevrier.

Depois dêste "Encontro com o Destino" de Delannoy, o belo par deveria figurar novamente na tela. René Clement reuniu-os (e os fãs agradecem) em "Chateau de Verre" ainda não estreado no Brasil. A maior parte do filme se desenrola num hotel italiano nas margens do lago de Como, onde as imagens de interiores serão decoradas com um acúmulo de estilo barroco e rococó. Diz o realizador que é uma "cenografia psicológica" que contribuirá para a explicação do comportamento dos personagens. Michèle Morgan é espôsa de um Magistrado, homem direito, afetuoso e apaixonado. Todos os anos, passam temporadas nas margens do lago de Como, onde Michèle, mulher de vida regrada, transtornada pelo ambiente e atmosfera deixar-se-á apaixonar por um jovem parisiense (Marais) de afeições instáveis. Esse reencontro Marais-Morgan não será tão feliz como em "Encontro com o Destino" e terá um desenlace infeliz, trágico.

Aguardemos um novo encontro na tela de Michèle e Jean e esperemos que tudo acabe bem.



Três distintas fotos desta revelação de um reencontro na tela. Abaixo, os dois juntos em «Encontro com o destino». Haverá influência?

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?



Cena do grande filme de William Wyler, «O morro dos ventos uivantes» que está vencendo o concurso de «reprises», como o filme mais votado.

"LUZES DA CIDADE" ESTÁ VENCENDO COMO O MAIOR FILME DO CINEMA

Estamos nos últimos dias dos nossos sensacionais concursos. Na semana anterior apresentamos o resultado da primeira apuração de «Quais os filmes que desejaria rever?» Agora, outro emocionante cômputo, o do primeiro concurso que se realiza no gênero, no país, a fim de apurar o maior entre os maiores filmes de tôdos os tempos. Conforme já anunciamos, o último dia do prazo para a entrega dos votos será no próximo dia 22 do corrente mês de junho, às 12 horas.

O MAIOR FILME DE TODOS OS TEMPOS — 1ª APURAÇÃO

1° — «Luzes da Cidade» — 3.960.
2° — «O Morro dos Ventos Uivantes» — 3.776.
3° — «. . . E o Vento Levou» — 3.762.
4° — «A Felicidade não se Compra» — 2.896.
5° — «O Tesouro de Serra Madre» — 2.408.

Seguem-se: «Brinquedo proíbido», 1.752; «Monsieur Verdoux», 1.726; «Os melhores anos de nossa vida», 1.704; «Hamlet», 1.272; «Rebecca», 1.088; «Les Enfants du Paradis» («O Boulevard do crime») 1.056; «Adúltera», 704; «Ladrões de bicicletas», 648; «Luzes da ribalta», 616; «Na cova das serpentes», 608; «Corcunda de Notre Dame», 592; «Carnet de baile», 576; «Amanhã será tarde demais», 552; «Como era verde o meu vale», 528; «Terra dos Deuses», 544; «Em busca do ouro», 496; «Cidadão Kane», 432; «Consciências mortas», 408; «Na noite do passado», 408; «Crepúsculo dos Deuses», 360; «Esquina do pecado», 336; «Cavalcade», 328; «Lady Hamilton, a Divina Dama», 312; «A grande valsa», 272; «O martírio de Joana D'Arc», 264; «Grandes espectativas», 256; «Vitória amarga», 240; «O Delator», 240; «Rainha Cristina», 224; «Escravos do desejo» (versão de Cornwell, com Bette Davis), 216; «O diabo disse não», 216; «Vinhas da Ira», 208, «Pigmalion», 208; «Farrapo humano» e «As chaves do reino», 192; «Adeus Mr. Chips», 192; «Por quem os sinos dobram», 184; «Amar foi minha ruína», 176; «Trágico amanhecer», 168; «Ídolo, amante e herói», 168; «À noite sonhamos», 160; «Mascarada», 160; «Quo Vadis», 152; «Encouraçado Potenkin», 152; «Também somos sêres humanos» e «A loja da esquina», 152, e outros menos votados.

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

1. ....

2. ....

3. ....

4. ....

5. ....

QUAL O MELHOR FILME A QUE ASSISTIU, EM QUALQUER FASE DO CINEMA?

....

NOME (ou pseudônimo) ....

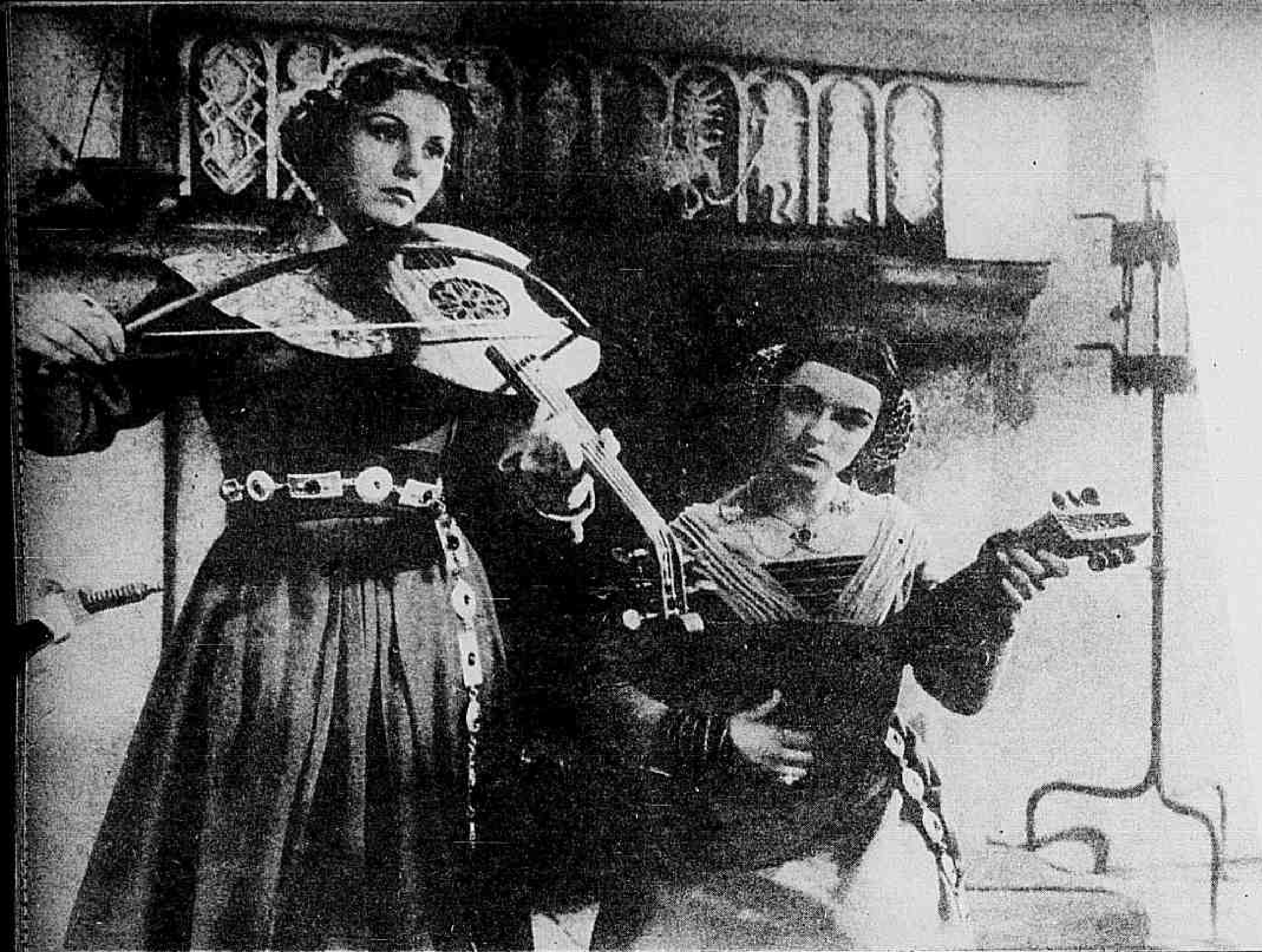
ENDERÊÇO ....

CIDADE E ESTADO ....

(Tôda a correspondência deverá ser endereçada a ROVLAND, Concurso de "Reprises").

«Luzes da cidade» o filme que, até o presente momento está sendo considerado o maior filme de todos os tempos do cinema.





Em «Cêrro dos Enforcados», filme de amor e mistério, não falta a caracterização do ambiente histório.

3 - CERRO DOS ENFORCADOS

Tudo partiu de um conto de Eça de Queiroz: "O defunto". A literatura registra que essas cinqüenta páginas do autor de "Os Maias" foram inspiradas em um sermão do Padre Antônio Vieira. O assunto é fantástico para o público em geral mas já não o será para os que conhecem a psicologia experimental, a doutrina de Kardec, etc. Evidentemente, tanto nas páginas de Eça quanto nas imagens não se procura expor qualquer ângulo à ciência. Porém, os fatos que ocorrem ao pensamento do grande escritor luso estão de há muito registrados em diversas obras. A raridade do fenômeno não significa o inverossimil conforme, inegàvelmente, o suporá a maior parte dos espectadores. Em rápido esbôço convém explicar que ao corpo de um de três enforcados, criminosos vulgares, que se encontram no alto de um cêrro é outorgado o poder da reincarnação. O objetivo era um auto-sacrificio, com o fim de tentar a redenção da sua alma. Em determinado momento, teria de ser figurado em um corpo de outrem, a fim de que o mesmo escapasse de uma emboscada de morte certa. Em meio dêste fantasmagórico conto, uma história de amor e desprendimento serve de "leit-motiv" para justificar êste poderoso auxilio, de fôrças tão superiores.

A esta essência, junta-se a parte literária e a forma cinematográfica. O diretor, Fernando Garcia, foi co-responsável, juntamente com Domingos Mascarenhas, pelo roteiro. Propositadamente, a narrativa é grave e lenta. Procuraram impor — e o conseguiram, certamente — uma atmosfera de densidade para sugerir legendária época. Para culminar todo êste plano a fixação dos caráteres é também pausada, por vêzes teatral. Já êste último aspeto era desnecessário. Porém, o defeito mais acentuado da adaptação não está aí (afinal, há muitas maneiras de realizar cinema e poderá ser respeitado o ponto de vista que seguiram) e sim nos trechos que fixam a passagem ligada ao espiritismo, o "climax" do filme. Sem dúvida, foi aí desperdiçado, por incompreensão, o grande tema. Tanto a planificação quanto as imagens seguiram uma linguagem por demais direta. Embora tôda a beleza plástico-fotográfica da realização — sob êste ponto de vista o filme chega a ser extraordinário — não houve idêntico prosseguimento para obter atmosfera à altura do fenômeno cientifico. Absolutamente desnecessário figurar o enforcado caminhando com o punhal cravado no peito e tôdas aquelas minúcias das trocas de corpos e vestes! Faltou maior preparo para figurar a parte profunda e intima de tão dificil assunto. Assim, o setor descritivo cai justamente onde deveria soerguer: o "climax"! Conforme foi apresentado, tornou-se inaceitável para o grande público — haja vista a reação da própria platéia do Cine Marrocos, constituida de público fino, por ocasião do Festival Internacional — sendo uma pena que um filme de tão esplêndida classe não fôsse arrematado à altura.

A reconstituição de remotos ambientes, a vestiária, a magistral cenografia, a música evocativa de César de Sá são outros valores que muito distinguem o conjunto. Ressalvada a questão do critério do próprio diretor — a proposital lentidão inclusive dos diálogos — do qual não têm culpa os atores e, ao contrário, colaboraram a fim de tornar a idéia o mais funcional possivel — agradaram os intérpretes. Helga Liné personificou a poesia triste da figura de Leonor. Ganhou experiência e talento aquela menina que, aos 9 anos de idade, teve um pequeno papel em "Pôrto de abrigo". Artur Semedo vive o fidalgo Rui, que ia sendo vitima de um "complot" contra a sua vida. Êste novo galã do cinema luso superou todos os seus colegas. Não são conhecidos no Brasil os seus primeiros trabalhos. Alves da Costa dramatizou ao máximo o odioso e doentio caráter do despótico marido. Tem personalidade e talento mas poderia ter sido mais contido. Excelentes os coadjuvantes: Raul de Carvalho, Brunilde Judice, Jaime Santos, José Viana. Em conjunto as restrições apontadas, é um bom filme. Merece muito respeito esta realização de valor do cinema luso.

Helga Liné e Arthur Semedo, intérprete de «O Cêrro dos Enforcados».



PRÉ-ESTRÉIAS

DE JONALD

VIVAMOS HOJE

3



Cena da filme «Vivamos Hoje», com Daniel Gélin e Annie Vernon.

EM vez de «Antoine et Antoinette», chamam-se, agora, Eduardo e Carolina. Em lugar de paupérrimo, o casal, desta feita, pertence à classe média. No entanto, tanto algumas situações quanto o espírito geral continuam os mesmos de anteriores filmes do diretor. Sem dúvida, Jacques Becker está procurando efetuar um «ciclo» matrimonial conforme o genial Lubitsch fêz, há longos anos. Porém, é uma simples evocação pois nada tem de comum o estilo de ambos. Todavia, Becker está fazendo jus para que, mais tarde, venha a ser estudado em livros ou crônicas de cinema conforme o foi o saudoso realizador. Muito embora de concepções diversas, há um traço comum entre ambos e nada melhor que lembrar uma citação que Mario Verdone efetuou em «La Revue du Cinema», quando comparou Lubitsch a um homem que se tornou perito em devassar costumes, em geral, os da sociedade elegante. Mesmo sentindo de outra maneira, Becker está efetuando o mesmo.

Banal é a história de «Eduardo e Carolina» pois tudo se resume em uma briguinha de um casal apaixonado. No entanto, Becker, que colaborou na história e efetuou a própria adaptação e roteiro, logrou bom espetáculo de comédia fina. O estudo que faz de um meio elegante de Paris é precioso. Conforme também ocorreu em «Antoine et Antoinette» tudo vem a culminar durante a execução de uma cerimônia. No outro filme foi um casamento e, desta feita, é um concêrto em meio «grã-fino». Todavia, embora êste filme perca para o outro, é tão notável esta seqüência quanto a outra. Depois, a descrição que efetuou da vida do casal tem uma expontaneidade difícil de conseguir, além de bom humor envolto em linguagem eminentemente real. Quando não é francamente divertido, há sempre um lembrete de ironia interior bem focalizado.

Aproveitou, notàvelmente, o talento de Daniel Gelin, revelado com tanta propriedade em «Conflitos de Amor». No pianista estouvado mas sempre sincero consigo próprio, o ator reafirmou seus altos créditos. Julgamos um tanto comum a «descoberta» Anne Vernon. Conquanto a história pedisse um temperamento feminino fútil, Becker poderia ter encontrado alguém de maior personalidade. De tão perfeito no papel, Jacques François parece ter sido retirado de um salão insípido da alta roda. Todos os outros caracteres foram selecionados com muito apuro, sendo cada pequeno papel uma notável composição: Jean Riveyere (Julien), Jean Galland (o tio), Betty Stockfield (mme. Barville), Elina Labourdette (Florence), William Tubs (Mr Borch), Jean Marsac (Fourcart), Jean Toulot (Mr. Barville). Esplêndida a fotografia de Robert Lefebvre, o mesmo sucedendo com a partitura de Grunenwald, acompanhando muito bem o divertido sabor da história.

CARTAZES em Revista

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER, H. ANDERSEN, SANIN e I. PÔRTO. Em São Paulo: C. MAXIMIANO e A. NYFFENEG.

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; 0 — inqualificável.



«Cavalgada de Paixões», da Fox.

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIA DA PRÓXIMA SEMANA

4 — "O HOMEM DO TERNO BRANCO"

Produção dos estúdios Ealing, de Sir Michael Balcon que já nos deu «Na Solidão da noite», «Sorte louca», «Mistério da tôrre», «As 8 vítimas» etc. Esta película segue a linha de tradição dos anteriores trabalhos britânicos. No entretanto, o conceito comédia não diz exatamente o que é «O homem do terno branco». Há muito de sério e verdadeiro nessa excelente história do rapaz que descobriu um tecido indestrutível e eterno, cuja existência levaria a indústria à bancarrota. A crítica à ciência, expressa na frase da velha mrs Watson: «Por que vocês cientistas não nos deixam em paz? O que será de mim quando não tiver mais roupa para lavar?!» Há grandes momentos do filme, como a passagem em que o inventor exposto às gargalhadas dos operários ao se descobrir o ponto vulnerável do invento, e sob o olhar de simpatia e pesar das duas mulheres. Em tom humorístico conta-se uma história de respeitável conteúdo. Interessantes detalhes, como o do capacete, das roupas e dos sacos de areia para amortecer o choque das explosões; o decrépito capitalista; as referências ao Sindicato; seus esplêndidos diálogos e o argumento, em ótima realização cinematográfica do diretor Alexander Mackendrick («Alegria a granel», «Martírio do silêncio») possibilitaram uma realização muito expressiva. Alec Guiness, o judeu Faggin do extraordinário «Oliver Twist», e o matador de «As 8 vítimas», ator bem familiar já do público, é o inventor. Muito bom como sempre, e sem caracterização, desta vez. Joan Greenwood e Cecil Parker são os principais atores do elenco secundário, todo êle muito participante e integrante inseparável do conjunto. Um sólido trabalho de equipe, em mais uma fita inglêsa de muito boa classe. «Tit or the man in the white suit». Produção Ealing, a estrear na próxima semana no Império e Leblon.

2 — "ORQUÍDEA"

Já minuciosamente criticado quando do Festival Internacional de São Paulo. O filme começa bem mas decai a partir do instante em que a heroína se casa com o vilão do conto. Daí por diante há uma tendência cada vez maior para o dramalhão. Entretanto, mantém certo interêsse graças à presença de uma grande atriz, Laura Hidalgo. Não há dúvida de que não é apenas uma linda atriz mas das de maior talento do cinema contemporâneo. A estrear.

FILMES LANÇADOS A PARTIR DA 2ª-FEIRA 7

2 — "À MEIA-NOITE DO AMOR"

Se «Belinda» revelou os dotes dramáticos de Jane Wyman, «A meia-noite do amor» dá-lhe o ensejo de exibir «virtudes» até hoje insuspeitadas, inclusive a voz cálida com que interpreta alguns números musicais. O filme é outra comédia matrimonial — melhor diríamos «divorcial» — com tudo o que isso implica de superficialismo, artificialismo, leviandade. Um verdadeiro desfile de modas, com o toque musical e a dose de comédia. A única novidade que a película traz é que as situações — as mesmas complicações de sempre — são criadas, não pelo eterno triângulo, mas por um hexágono reforçado, em cujas arestas figuram, além de marido e mulher, as duas pretendentes ao marido e os dois pretendentes à mulher. A concurrência é forte, como se vê, e ajudam a esticar a trama até poucos minutos antes da meia-noite do dia em que a sentença de divórcio torna-se final. Aí as coisas se precipitam: a espôsa dá o «show», o marido arrepende-se, e a milionária, compreensiva, sai à caça de outro «boy-friend». Algumas músicas em nada extraordinárias, dois ou três bailados que revelam absoluta falta de imaginação, e boas «piadas» valorizadas pela espontaneidade com que atuam os atores, eis, em resumo, o filme. A direção de Alexander Hall é vivaz, e o elenco, como já dissemos, eficiente, destacando-se Leon Ames, Ray Milland, Jane Wyman e um Aldo Ray bem orientado. «Let's do it again», produção da Columbia, estreou no Asteca e circuito.

1 ½ — "NUNCA ME DEIXES IR"

Película norte-americana com fundo anticomunista. Algumas pessoas terão visto uma sátira. Mas, analisando certos momentos de seriedade pode-se pôr em dúvida êsse julgamento, tanto mais que é sabido o ridículo de que sempre foram cercados, acidentalmente ou não, as personagens de origem estrangeira nas películas de Hollywood. No caso desta fita temos momentos como o do banquete com os brindes e o trecho com os dois oficiais no barco. Um dêles tendo perguntado a Clark Gable como era seu nome êle responde «Golden Gates». O oficial acredita. Afora tais cenas de ridicularização, há infantilidades e absurdos de filme de aventura levado a sério. O protagonista vem buscar a espôsa mantida na Rússia em um barco, desde a Inglaterra até uma cidade russa! Há uma narração em português como se a linguagem cinematográfica fôsse uma coisa sem autonomia e inclusive uma doublagem para o português de uma carta, da espôsa para o marido, lida por uma horrível locutora substituindo a voz da protagonista. Há trechos de documentário e «ballet» filmados à distância ou em primeiros planos de Gene Tierney, a fim de aparentar seja esta a bailarina. Um recurso deselegante. Nesses trechos quem brilha é Anton Dolin! A direção é de Delemer Daves. Bem melhores do que Gable (decadente) e Gene Tierney estão os atores Richard Haydn, Belita e Bernard Miles, entre outros. Em suma, seja como política, seja como ficção ou «sátira», êste é um fraco espetáculo. «Never Let me go», estreou nos cines Metros. FICHA TÉCNICA : Produção: Clarence Brown. Direção de Delmer Daves, com base no roteiro de Ronald Millar e George Froeschel. Fotografia de Robert Krasner. Intérpretes: Clark Gable, Gene Tierney, Richard Haydn, Bernard Miles, Belita, Ana Valentina, Karel Stepanek e Frederick Valk.

1 ½ — "O PRÍNCIPE DE BAGDAD"

Inspirado no mesmo padrão que fêz a tradição dos filmes orientais, «O Príncipe de Bagdad» não se furtou a êle, fazendo uso dos imensos decores no estilo, de odaliscas carnavalescas, de lutas de espada, de séquitos pomposos e de uma intriga amorosa nos moldes mais elementares. O que nos pareceu todavia surpreendente foi, sem dúvida, o aspecto de sátira que inspirou todo o filme e, diga-se de passagem, sátira aos filmes do gênero, tecnicoloridos, afetados, pretenciosos, normalmente inqualificáveis cinematogràficamente. Note-se entretanto que tal ocorre sòmente no que diz respeito à direção de atores, às cenas de briga principalmente, onde o impossível é levado ao cômico (ou ao ridículo) divertindo antes que consiga, como ocorre freqüentemente, irritar. As marcações só assim são aceitas bem como o desfecho final, graças a direção imprimida por George Sherman. Esta também é a única feição louvável da película. Fraquíssimo o elenco: Victor Mature, Mari Blanchard, Virginia Field. Esta última plagiando o estilo e a forma de Marilyn sem ter todavia aquêle assintotismo provocante. Mari Blanchard tem um número de dança que pretende ser sedutor e que faz delirar a platéia de «extras» orientais mas que provoca gargalhadas aos ocidentais. Guy Rolfe um vilão e Palmer Lee um sultão, cumprem com ousadia sua missão. O colorido é normal, o ritmo sofrível e o conjunto mau. Note-se porém uma colaboração de certo valor: o dos acrobatas Russ Saunders que fazem uma exibição circense com certo atrativo, fugindo desta feita

à dança dos 7 véus que termina geralmente com mais de 20. «Príncipe de Bagdad», filme americano distribuído pela Universal International cujo título original é «The Weils of Bagdad» foi lançado no cinema São Luís e circuito.

1 — "FLECHAS FLAMEJANTES"

Distribuída pela United Artist, essa produção de Aubrey Wisberg e Jack Pollexfen conta um episódio de um tal John Smith, aventureiro do tipo «história em quadrinhos» com Anthony Dexter (êmulo de Valentino) que passa o filme todo estufando o peito, e falando entre dentes com os olhos semi-cerrados. John Smith cai prisioneiro dos índios (em 1607) que já falavam inglês tão bem quanto o pessoal da expedição (uma das primeiras na região) sendo salvo pela índia Pocahontas (Jody Lawrence), que para unir os dois povos e por amor ao guerreiro branco, toma-o por espôso. Essa bobagem, êsse disperdício de celulóide foi comandado por Lew Landers, um dos piores diretores que existe. Os produtores, e também cenaristas, são independentes, ascendendo a classe A com êste filme em Pathecolor. As concessões, os «chavões» permitidos, prejudicam o andamento já sem expressão da história. Produção de 1953, estreado na linha do Vitória.

Comentário extra: «um absurdo, êste filme lançado num cinema de 1º, enquanto «Devoção de assassino» é exibido no mofado Império, sem propaganda nenhuma».

OS "BÓLIDES"

(FILMES ESTREADOS FORA DA CINELANDIA, EM BAIRROS, ETC.)

3 — "O MODÊLO E A CASAMENTEIRA"

A CENA MUDA, num esfôrço para proporcionar a seus leitores uma cobertura completa dos filmes de valor, captou no Cine Grajaú o filme «The model and the marriage broker», que havia sido registrado no seu número 19. É uma produção de Charles Brackett para a Fox em 1952, tendo estreado no Íris, em maio. Conta a produção com elementos de valor, desde o produtor (e também cenarista), já nosso conhecido de há muito na parceria com Billy Wilder nos filmes «Farrapo humano», «5 covas no Egito» e outros; aos «astros» Thelma Ritter, Jeanne Crain, Zero Mostel, Scott Brady e Michael O'Shea. Trata-se de uma comédia agradável e despretenciosa, com um tratamento leve, sem criar situações para gargalhadas; apenas um sorriso nos aflora o canto da bôca, vez por outra. Sua história nos impele a combater a solidão pelo casamento, narrando um caso interessante, sem malícia; mesmo não possuindo as sutilezas e as minúcias das comédias de Lubish, Sturges ou Clair, o filme agrada porque é honesto e incisivo: diz o que quer dizer. Não fôsse elaborado com outra intenção que divertir, como passatempo, teríamos algo superior. Um Lubish ou um Clair exploraria melhor os tipos apresentados pela história; entretanto, George Cukor («Romeu e Julieta», «Fatalidade», «Sagrado e profano») não deu muita importância a êles, embora se impusessem para tal. Expondo seus problemas, seus anseios e até seu passado, Cukor delineou bem a figura da casamenteira, no que foi auxiliado pelo talento de Telma Ritter (com bastante segurança) e pelos diálogos (a melhor coisa do filme, embora em demasia). A cenarização, a cargo de elementos de valor como Brackett, Richard Breen e Walter Reisch (diretor de «Os homens não são deuses» e cenarista do notável «Mascarada») valoriza bastante o conteúdo humano com diálogos inteligentes e dosados, transmitindo a mensagem de que «há sempre um chinelo velho para um pé doente», mesmo que alguém o ponha no pé. É mais um filme interessante, lançado como «bólide» (sem o merecer), que não fôsse a orientação crítica de A CENA passaria desapercebido pelo público, a quem devemos sempre uma satisfação. Exibido juntamente com seu acompanhante fixo: «O homem do dia» («The bride of St. Louis) dirigido por Harmon Jones com Dan Dailey e Joanne Dru. Comédia banal, historiando a carreira de um ás do «baseball», «Dizzy Dean». Sem maiores comentários é o que merece.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

DE 31 DE MAIO A 6 DE JUNHO

2 ½ — **«COMO AGARRAR UM MILIONÁRIO» («How to Marry a millionaire»)** — Fox, com Marilyn Monroe, Lauren Bacall e Betty Grable. «Technicolor» e em C-Scope. (Lançamento a 4 de junho, nos Cines República e Plaza).

2 — **«A VIÚVA ALEGRE» («The merry Widow»)** — «Technicolor», com Lana Turner e Fernando Lamas. Direção de Curtis Bernhardt. (No Metro e circuito).

3 — **«É PROIBIDO BEIJAR»** — Filme nacional da Vera Cruz. Com Tônia Carrero e Mário Sérgio. Direcão de Ugo Lombardi. (No Ipiranga, Broadway e circuito de 15 casas).

«BUANA, O DEMÔNIO» («Bwana the devil») — Escrito, produzido e dirigido por Arch Oboler. Em Ansco Color. United Artists. (No Oásis e circuito).

«OS DOIS HERÓIS NA OFENSIVA» («Willie and Joe back at the front») — Universal, com Tom Ewell e Hervey Lembeck. Direção de George Sherman. (No Ritz).

JÁ EXIBIDOS NO RIO

«FESTIVAL ART FILMS DO CINEMA ITALIANO» — 7 lançamentos de produções italianas inéditas. (Art Films nos Cines Ópera, Arlequim, Magestic, Esmeralda e Universo). Tôdas já criticadas em A CENA.

«BANDO DE RENEGADOS» («Lawless Breed») — Universal, com Rock Hudson e Julia Adams. (No Marabá). Já criticado em A CENA.

«SANGARI» («Sangaree») — Paramount, em «technicolor», com Fernando Lamas e Arlene Dahl. Filmado em 3-D. Cópia exibida, comum. (No Art Palácio).

EM "REPRISE"

«CLOÓPATRA» — Produção e direção de Cecil B. De Mille. Com Claudette Colbert e Henry Wilcoxon. Paramount. (No Bandeirantes).

«O ÚNICO HOMEM VIRGEM SÔBRE A TERRA» («Le Rosier de Mme Husson») — Com Bourvil e Mirelle Perrey. Direção de Jean Boyer. Já reapresentado em 52 pelo Cine Oásis. (Cartaz do Normandie).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«NOITES DE CIRCO» (em 2ª semana no Cine Jussara).

«TORMENTO» (2ª semana no Marrocos).

«MANTO SAGRADO» (4 últimos dias no República e Plaza)

OS PREMIADOS DA "PÁGINA DO LEITOR"

A CENA havia anunciado dois prêmios que seriam entregues, no final do corrente ano, aos leitores que mais se distinguissem. Entretanto, por motivo de mudança de direção da revista, resolve a mesma desobrigar-se do compromisso distinguindo dois dos seus colaboradores. Embora grande tivesse sido a dificuldade da Comissão Selecionadora, composta do corpo redatorial da Revista, devido a tantos e numerosos valores, os premiados, além de duas lembranças terão uma outra reverência, qual seja a do seu lançamento através das principais páginas de A CENA. Assim, no presente número, anuncia o 1º colocado, sr. Ismar Pôrto, cujo valioso trabalho acha-se publicado em páginas coloridas (14 e 15) com o título de "A Poesia na Tela". A CENA congratula-se com o sr. Ismar, um apaixonado cultor da arte e cine clubista, sendo tesoureiro da organização da A.S.A. (Ação Social Arqui-Diocesana). O 2º colocado foi o sr. Luís Bonifácio, de Belo Horizonte, que figurará no próximo número em página interna ("Carta a Chaplin") e na atual CENA, na "Página do Leitor" (Brigitte Fossey).

4-OUTROS TEMPOS

(Apresentado no Festival de S. Paulo e no da Art Films)

EMBORA o filme já tenha sido bem criticado por ocasião do Festival Internacional de S. Paulo, a sua ótima categoria permite que seja alvo de novos comentários. Serve para revelar um novo Blasetti e nos dar outra confiança no cinema. Muito bem escolhidos os seis episódios antigos, de grande variedade permitindo à direção passar por tôdas as gamas, do drama à comédia, da sátira ao mais puro lirismo, com igual inteligência e segurança. Vez por outra, o nível do filme decai, mas, regra quase geral, conserva-se alto. Não falta uma referência crítica à violência tão característica da nossa época, a que se segue uma pantomima concebida em moldes ingênuos, laudatória aos feitos das gerações passadas. Depois dêsse trecho delicioso, vem o primeiro episódio, onde a comicidade repousa sobretudo na estilização da interpretação, à semelhança da dos «vaudevilles», do que resulta uma insistência nos mesmos motivos retirando um pouco da espontaneidade cômica. O segundo, «Questões de interêsse», seria apenas uma anedota, não fôra a ironia do comentário de Blasetti, contrapondo a êste um cabeçalho de jornal estampando um dos freqüentes litígios internacionais. Segue-se «Idílio», de uma poesia delicada, desenvolvendo-se em um ambiente encantador de velhas gravuras. «La morsa», de Pirandello, tem uma marcação um tanto teatral e abundante dialogação. Mas Blasetti cria para o drama um clima de rara densidade, sem cair em exageros, o que faz dêsse episódio o melhor do filme. A interpretação do trio central é extraordinária, com Elisa Cegani na espôsa infiel, atriz de vibratilidade incomparável, Amedeo Nazzari, sempre sóbrio e eficiente, e o estranho Roldano Lupi em outro magistral desempenho. A Pirandello sucede o episódio despretensioso e leve das canções napolitanas. É o mais fraco do conjunto, sem comprometê-lo entretanto. A última história é a da moderna Frinéia, Gina Lollobrigida, onde Blasetti põe em cena uma multidão de personagens caricatos enquanto satiriza o tribunal. Os diálogos são de irresistível comicidade, ditos deliciosamente por Vittorio De Sicca e a linda Lollobrigida. A inteligente interpretação de De Sicca, e a maliciosa justeza de Gina valorizam-nos ainda mais. «Outros tempos» conta ainda com uma fotografia excelente, e um admirável acompanhamento musical. «Altri tempi», produção Cinès.



Jean-Louis Barrault cuja temporada no Brasil revestiu-se de grande êxito.

Renaud na criatura que busca uma antiga mansão, a fim de se confraternizar com o romantismo do passado, teve uma das suas melhores criações. Pierre Bertin, Simone Valére, a encantadora Nicole Berger — de «O trigo cresce» e «Juliette», dois bons filmes — embora com menores responsabilidades saíram-se muito bem.

«L'AMOUR PUNI» («LA REPETITION»)

A última peça que faltava analisar desta esplêndida temporada. Embora as intenções do autor, Jean Anouilh, sejam, em essência, apreciáveis, não satisfaz a maneira com que arma as situações. A idéia de estabelecer expressões de «comédia-ballet» em clima de aparente futilidade não se completa devidamente. Em lugar de transmitir um influxo pessoal, Anouilh trai por demais a inspiração em vários autores clássicos. Entretanto, mais uma vez, a fôrça criadora de Barrault e o seu magistral elenco vieram em socorro do escritor a fim de que a lembrança final fôsse satisfatória. O que faltou ao texto encontrou-se na direção e no elenco. Se bem que tenha ficado um pouco do vazio, em volta do original, o espetáculo em conjunto merece encômios. Barrault, na forma habitual, tem momentos admiráveis e inesquecíveis de arte pura. Jean Servais logrou uma excelente conduta, aproximando-se das atuações de Madeleine Renaud e Simone Valére: todos precisos, por outro lado, excepcionalmente, não foram bons, desta feita, os efeitos luminosos enquanto que, nas outras minúcias, tudo correu conforme o nível geral da temporada, isto é: excelente.

Teatro Música

OSWALDO de OLIVEIRA

TEMPORADA BARRAULT NO MUNICIPAL (Fim)

«LE COCU MAGNIFIQUE»

Uma situação de dúvida, que se poderia ter inspirado em Shakespeare é, em meio da morbidez do tema, apenas em aparência, levada para a farsa. Em conseqüência, cria-se um clima de tragi-comédia. Tudo parte de um ciúme doentio que gera a dúvida. A fim de desaparecer o tormento, o herói, um alucinado, procura uma sombria realidade: facilitar o adultério da própria espôsa. Enfim, uma situação de crise mental e loucura que, paradoxalmente, simula o humorismo. Embora a platéia do Municipal freqüentemente se divertisse com êste drama de Crommelynck não foi esta a reação que senti. Embora o ridículo e o burlesco em que Bruno, na sua psicose, se conduz, tudo ruma a algo de pungente. Se, de um lado chegou-se a um aparente fim para Bruno, que passa de uma para outra vida o desfecho do caso da espôsa tem um sentido simbólico que mereceria maior estudo caso o espaço desta seção o permitisse. Com tôda a amargura do texto, transposto e marcado pelo genial Barrault em magistral forma, trata-se de grande peça. E a atuação do ator francês foi simplesmente excepcional. Todo o restante do elenco portou-se em invulgar plano, destacando-se a impressionante composição de Simone Valére, na espôsa que encontra o caminho da redenção, através dos desatinos do marido.

«LA CERISAIE»

O teatro de Tchecoo é impressionante. Embora esta peça tivesse sido representada pela primeira vez no comêço dêste século não envelheceu em nenhum dos seus aspectos. Talvez, sim, o mundo tão materialista da atualidade se tenha afastado de tanta poesia. O elenco de Barrault encenou pela primeira vez o trabalho e escolheu o Rio para essa estréia, precisamente a última obra escrita pelo grande teatrólogo russo. A simplicidade e o encantamento caminham de mãos dadas nos quatro magníficos atos. Em meio disto, um pouco de nostalgia e ternura, nas suas divagações em volta do passado. Tanto na sua admirável «mis-en-scéne» quanto na interpretação de Trofimov, Barrault manteve aquela personalidade que permite que se o distinga com a flama do gênio. Madeleine

Rádio

EDEL NEY

CARLOS CARRIÊ veio do sul, do Rio Grande do Sul. Vivendo perto da fronteira, bem cedo apaixonou-se pelo tango, ritmo a que passou emprestar a sua voz bonita, e até hoje não aproveitada, devidamente, pela Rádio Nacional, com a qual o ótimo cantor firmou contrato há alguns anos.
Aqui no Rio, CARRIÊ estudou com afinco, esmerou-se no seu esplêndido repertório e, juntamente com o tango, passou a interpretar, com êxito, o samba-canção, a valsa, a canção, enfim, todos os ritmos dolentes. Sua voz ganhou mais brilho, e a sua legião de fãs (fãs verdadeiros, que não fazem claque nem desmaiam por trezentos cruzeiros), fãs que o jovem e simpático cantor conquistou única e exclusivamente através de sua voz privilegiada, a sua legião, como dissemos acima, é, hoje em dia, uma das grandes realidades.
Certo de que galgou, dentro do Rádio brasileiro onde brilham tantos falsos cartazes, uma posição limpa de destaque, CARLOS CARRIÊ decidiu candidatar-se a «Rei do Rádio de 1954».
Conhecendo-o, como o conhecemos, sabemos que o move, acima de tudo, auxiliar o Hospital do Radialista. O moço CARRIÊ sabe que a vitória é-lhe difícil; não possui «patrocinadores excusos». Apenas conta com a boa vontade daqueles que lhe escrevem (aplaudindo-o quase sempre de casa), apenas conta com reais admiradores; uma fôrça diminuta, atualmente, para vencer um concurso de Rádio, quando se movimentam tantas fôrças estranhas e quando se concertam tantos acordos que um jovem e pobre cantor como CARRIÊ, que vive de sua arte, não poderia assumir.
Aqui, dessa modesta coluna, enviamos o nosso apoio irrestrito a CARLOS CARRIÊ que tem tôdas as qualidades para se sagrar o «Rei do Rádio de 1954».

DISCO-NOVIDADES

ROGÉRIA, a «estrelinha» exclusiva da «Casa Neno», lançou, através do Programa Manoel Barcelos, e de seu programa especial «A estrêla se diverte» (todos os domingos às 20,30 horas, através da Mayrink Veiga), um interessante concurso a fim de selecionar, dentre dez músicas inéditas, as que, segundo os seus fãs, deverá gravar em seus próximos discos.

(Continua na pág. 34)

Rogéria, graciosa «estrêla» da Mayrink.



Carlos Carrie, rei do rádio de 1954?



DE TODO O MUNDO

Serviços especiais para «A CENA», coordenados e escritos por L. BOLTSHAUSER


Lana Turner e seu espôso, Lex Barker, voaram para Londres e Holanda onde a «estrêla» terminou seu filme «Betrayed» da Metro.

I T Á L I A

Os dois primeiros episódios do filme de De Sicca «L'oro di Napoli» foram terminados. Intitulam-se êles «Il pizzaiolo», com Totó, Sophia Loren e Paolo Stoppa, e «Il conte giocatore», no qual participa uma dama da aristocracia napolitana, a condessa di Pontaldo, e o próprio Di Sicca. Entrou em filmagens o terceiro episódio, «Don Ersilio», cujo protagonista é Eduardo De Filippo, ao qual seguir-se-ão «Il succube», «Il funeralino» e «Teresa», todos extraídos da coleção de contos de Giuseppe Marotta, que colaborou na 'cenarinazção com De Sicca e Zavattini. A intérprete de «Teresa» será Silvana Mangano.

Totó virou agora herói de história em quadrinhos. O popular cômico acaba de autorizar uma sociedade editôra a usar seu personagem numa série de publicações destinadas aos jovens. E assim, o desenhista Castellari já preparou uma série de aventuras que serão vividas por Totó: «Totó no oceano», «Totó e o segrêdo atômico», «Totó medalha de ouro». O comediante responderá também aos seus jovens admiradores por uma seção intitulada «Correio de Totó».


Tony Curtis e Janet Leight assistem a «avant-première» do filme da Universal, «Magnificent Obsession», refilmagem de «Sublime Obcessão».

Camilo Mastrocinque dirige Renato Rascel em «Alvaro piuttosto Corsaro»; o filme em ferranicolor, foi extraído da revista do mesmo nome que Rascel montou na última temporada teatral. Foi o mesmo Mastrocinque que, em 1952, realizou «Attanasio cavallo vanesio», também baseada numa revista de Rascel e por êle interpretada.

F R A N Ç A

Depois de uma sacrílega adaptação italiana, o romance «O vermelho e o negro», de Stendahl, será novamente levado à tela, desta feita, na França, Jean Anouilh prepara a cenarização e os diálogos, dessa versão que será dirigida por Claude Autant-Lara. Stendahl está com sorte...

Ainda recentemente o notável Pierre Brasseur viveu, na ribalta parisiense, a figura de Kean. Agora anuncia-se que Marcel L'Herbier dirigirá para o cinema um «Kean» calcado no drama homônimo de Sartre, a ser provàvelmente interpretado por Brasseur.

E Jean Gabin estreará como diretor, realizando um filme extraído de um romance de Francis Carco.

S U Í Ç A

Divérsas sociedades culturais suíças deram seu apoio à criação de uma Associação pelo desenvolvimento e propaganda do cinema documentário. Duzentas personalidades da vida pública da República Helvética prometeram seu apoio à iniciativa.

CINE-RESPOSTAS

TÔDA A CORRESPONDÊNCIA PARA ESTA SEÇÃO DEVERÁ SER ENDEREÇADA A ROVLAND, CINE-RESPOSTAS, «A CENA MUDA», RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15. RIO DE JANEIRO, BRASIL.

AS COTAÇÕES DOS LEITORES DE «A CENA»

CAIO SÉRGIO HAMILTON (Santos) — Nada tem que agradecer quanto à publicação dos seus bons trabalhos na "Página do Leitor", uma conseqüência do seu valor. Todo o corpo redatorial de "A CENA" agradece as elogiosas referências. Vamos encaminhar os seus pedidos de capas de Suzan Hayward, Judy Garland, Jona Crawford, Gloria Grahame, Rosemary Clooney e Ann Blyth. Dois de seus pedidos já foram atendidos no corrente ano, as capas de Pier Angeli (número 3) e Shelley Winters (número 1). A de Eleanor Parker, satisfazendo a tantos pedidos, sairá em "A CENA" 27. Para o "álbum dos fãs" sòmente será possível com a próxima ampliação da revista que passará a quinzenal. E isto já com outra orientação. A outra sugestão, "A página da saudade", com os vultos do passado está, pràticamente, compreendida na série de "Os grandes vultos da atualidade e do passado". O pensamento geral desta seção foi o de, após retratar os valores da atualidade passar aos do passado. Números para o sorteio dos álbuns: 291, 292 e 293.

J.B. MICHELL (Rio) — De fato, por engano os seus números sairam repetidos com os do sr. José Paulo de Oliveira. Conseqüentemente, pelo fato do outro leitor ser de ponto muito distante (custará a receber a retificação) os números 228, 229 e 230 ficam pertencendo a êle. Os seus, em conseqüência, passar a ser 294, 295 e 296. Desculpe.

JOSE' PAULO DE OLIVEIRA (Itabaiana, Sergipe) — Queira ter a gentileza de ler a resposta acima e também desculpe.

ROBERTO DELMAR (Santos) — Difícil atender o pedido da capa, pelo menos no momento, de Robert Montgomery. O intérprete de "A noite tudo encobre" bem o merece, mas Alice Gonzaga informa que não há disponível, pelo menos inédito. Êle está incluido na lista dos grandes vultos da tela. Números para o sorteio dos álbuns: 297, 298 e 299.

MILTON GUIMARÃES BRANDÃO (Maceió, Alagoas) — "A CENA" agradece as suas referências, particularmente as do Festival de São Paulo. Conforme deve estar observando, pelo menos atualmente, é mínimo o espaço reservado a Rádio e Teatro. Com exceção dessas duas colunas que são úteis porque orientam o que se passou de mais importante nos setores, no mais tudo é conforme deseja: cinema. Números para o sorteio dos álbuns: 300, 301 e 302.

BRAGA FONSECA (Caxambu, Minas) — Nós é que agradecemos as suas esplêndidas colaborações. Grato por tudo e também pela nova colaboração que também sairá. Números para o sorteio dos álbuns: 303, 304 e 305. A gerência vai providenciar a remessa de "A CENA" número 15.

HELVÉCIO MASCARENHAS (Bahia) — Caso possível, pedimos enviar informes e notas sôbre o "Teatro Baiano da Juventude". Melhor ainda se pudesse chegar antes do fim do mês de junho. Grato.

AMAURI BRUNO ALVES (S. Paulo) — Todos os responsáveis pelas seções que tanto lhe vêm agradando enviam, por nosso intermédio, os maiores agradecimentos, o mesmo sucedendo com "A CENA". Números para o sorteio dos álbuns: 306, 307 e 308.

ANTÔNIA SCHKOLODINE (São Paulo) — Grato pelas suas tão amáveis e otimistas referências. a) A sugestão sôbre o "ballet" importaria em aumentar o espaço da seção. Ora, como "A CENA" é muito pequena isto não é possível no momento. Há fortes probabilidades do número de páginas vir a ser aumentado. Assim que isto suceder, envie as suas razões; b) Sôbre teatro acreditamos que se tenha enganado. "A CENA" tem publicado muita coisa sôbre a ribalta bandeirante. No passado, a crítica de "Uma mulher do outro mundo"; no número 20, uma reportagem sôbre o Teatro de Arena; no 19, a de "Mortos sem sepultura" e reportagem sôbre a Cultura. Se não chegar, temos também "A CENA" número 1, com quase tudo sôbre o teatro paulista; c) A sua idéia de ampliar "Cine-Respostas" já foi atendida, devido ao impulso atual da revista; d) A sua lista de pedidos de reportagens, tão vultosa, de 34 nomes, vai ser, conforme todos os demais pedidos, objeto de considerações. Cada solicitação conta um ponto — único recurso — e, no final, os mais votados têm preferência. Entretanto, dos que pediu, os seguintes já foram glorificados por "A CENA": Ava Gardner (capa e reportagem, "CENA" 21); Pier Angeli (capa número 3); Lana Turner (contra-capa da "CENA" 7;) Vivien Leigh (duas páginas em "A CENA" 21); Elizabeth Taylor (capa número 7); Lia Manda, reportagem e foto na página 19 da "A CENA" 10; Lise Bourdin, idem, no mesmo número; Gina Lollobrigida, duas páginas em "A CENA" número 19; Laura Hidalgo, entrevista e foto em "A CENA" número 9; Robert Taylor, capa número 12. Enfim, será que a distinta leitora lê mesmo "A CENA"? d) Quanto aos pedidos de endereço terá que escolher cinco artistas de cada vez, pois o limite para as respostas não pode passar de cinco. Muito grato. Números para o sorteio dos álbuns: 309, 310 e 311.

LÍDIA CARMEN TAVARES (Belo Horizonte) — Gostaríamos que enviasse o endereço, pois não é possível incluir no sorteio cartas sem direção. Para onde iria o prêmio, na hipótese de premiado? a) Quanto às capas jamais "A CENA" as apresentou tão lindas quanto atualmente. E' a opinião geral e será fácil confrontar; b) Fotografias em páginas inteiras têm saído nas contra-capas. No meio da revista virão quando o número de páginas vier a ser aumentado; c) Reportagens sôbre artistas saem duas por número, em caráter fixo e, diversas outras, em reportagens. Mais, pelo menos no momento, seria impossível. Os concursos de "A CENA" têm tido imenso êxito. d) Não há que recear em nada porque a extração é pela Loteria Federal, do dia 26 de junho corrente. Não poderá haver favoritismo; e) Pelos têrmos da sua carta chegamos à conclusão de que há muito ou não lê esta revista ou apenas a folheia nas bancas. Em todo o caso, agradecemos a sua boa intenção...

TOMÁS JOSE' TEIXEIRA (Rio) — A ficha técnica faz parte dos planos da atual orientação. Agradecemos as suas atenções. Números para o sorteio: 312, 313 e 314.

JOÃO CÔRTES (Passo Fundo, Rio Grande do Sul) — De Gregory Peck, nas "Novelas das imagens" foi publicado "A princesa e o plebeu" ("CENA" número 8, do corrente ano). De Bobby Driscoll não há nenhum filme anunciado no momento. Muito agradecemos a atenção de sua análise. Números para o sorteio: 315, 316 e 317.

SHOSTER (Rio) — Pedimos a gentileza de enviar o endereço a fim de, logo a seguir, serem publicados os seus números para o sorteio. Há necessidade de urgência porque o sorteio será no dia 26 e os números devem sair publicados no máximo até a "A CENA" próxima, isto é, a 25.

Relação dos leitores que deixaram de enviar sugestões e dos que primeiramente enviaram os seus votos para o Concurso das "Reprises", todos concorrentes ao sorteio dos 7 álbuns, o qual será processado através da extração da Loteria Federal de 26 de junho:

Carmo Nunes (Assis, São Paulo) — 001, 002 e 003; Francisco Dias (Rio) — 004, 005 e 006; Heloisa Hasperoi (Rio) — 007, 008 e 009; Déa Teixeira (Niterói) — 010; 011 e 012; Antônio C. Harb (S. Paulo) — 013, 014 e 015; R. Monteiro (Rio) — 016, 017 e 018; Hércules Pompílio (Nova Iguaçu) — 019, 020 e 021; "Cow-Boy" (S. Paulo) — 022, 023 e 024; M.A.A. (São Paulo) — 025, 026 e 027; Lourdes Alcântara (Rio) — 028, 029 e 030; Sheila (Rio) — 031, 032 e 033; Silvéstre Jordan (S. Paulo) — 034, 035 e 036; Irene Melba (Campinas) — 037, 038 e 039; J. B. Martins (Pôrto Alegre) — 040, 041 e 042; Zulma Furtado (Belo Horizonte) — 043, 044 e 045; I. de Mário (Guarapuava, Paraná) — 046, 047 e 048; Orlando Ferreira (Rio) — 049, 050 e 051; Alda (Niterói) — 052, 053 e 054; Rogério Rodrigues (Rio) — 055, 056 e 057; H. Nunes (Rio) — 058, 059 e 060; "Movie-Fan" (Rio) — 061, 062 e 063; Mauro Jordan (Rio) — 064, 065 e 066; Ruth C. Silva (Nova Iguaçu) — 067, 068 e 069; Wilson (Rio) — 070, 071 e 072; Rogério Borgonzoni (São Paulo) — 073, 074 e 075; Susy Meireles (Campos, E. do Rio) — 076, 077 e 078; "Avaraense" (Avaré, S.

(Continua na pág. 34)

Iracema Vitória, distinguida na «Página do Leitor», por Carlos Aquino.



PÁGINA DO Leitor

A CENA publicará os melhores trabalhos enviados para esta página — Há necessidade dos textos serem escritos à máquina e que não ultrapassem de lauda e meia de papel ofício, em espaço dois — No final do corrente ano a orientação da revista ofertará duas lembranças aos dois colaboradores que mais se destacarem — Tôda a correspondência deverá ser endereçada a «LONG-SHOT».

"A CENA MUDA"

Há mais de vinte anos acompanho-a com carinho e é com entusiasmo que depois de longa temporada percebo o desejo dos seus dirigentes em fazer de "A CENA MUDA", a mais completa revista de cinema do Brasil. Nós os fãs de cinema, temos nesta revista a sucessora absoluta de "Cinearte" que inegàvelmente foi a melhor nos seus tempos, quando a "A CENA" já lhe seguia os passos. L. S. Marinho, Gilberto Souto, R. Magalhães, Renato Andrade, e agora esta nova geração que vem empregando todos os seus esforços para tornar a nossa revista em motivo de orgulho para todos que a lêem. Como velho leitor e modesto colaborador, sinto-me satisfeito pela oportunidade que a "A CENA" vem dando aos seus leitores de também colaborarem, e modestia à parte, pois estou falando em nome dos seus colaboradores, quanta coisa boa tem saído na "Página dos Fãs". Como colaborador não citarei nomes, pois todos têm sido notáveis, e quero agradecer daqui àquele leitor que teve a bontade de colocar-me entre os melhores colaboradores desta revista. Esta série de reportagens de Jonald sôbre os melhores filmes, quanta coisa boa tem sido publicada nestes últimos números. Há bem pouco tempo estávamos com "A CENA" transformada em "picadeiro de circo". Até parecia que a nossa revista ia transformar-se em "Gibi". As atuais seções permanentes estão tôdas muito boas, "Segredos da Tela", "Curiosidades e Close-ups", "Cinema Brasileiro", "Novela das Imagens", "Cartazes em Revista", "O Cinema e a Dança", "Teatro", "Os Grandes Vultos da Tela", "Quadro de Honra", "Cine Respostas" esta seção deverá merecer cuidado, para não sair "gatos" como na maioria das outras revistas acontece. Enfim "A CENA MUDA" alcançou nestes últimos números o que de melhor os seus leitores poderiam desejar. Aguardemos pois os concursos já anunciados para o próximo mês. Êste atual para saber quais os cinco melhores filmes, naturalmente só surtirá efeito para os fãs do Rio e São Paulo, pois os exibidores daqui e do Norte estarão preocupados com Marilyn Monroe, Lana Turner, e outras celebridades atuais. Como fã votarei assim: "De Fidalga a Escrava" com Gloria Swansson, Lila Lee, Thomas Meighan, Valace Reid, Bebe Daniels; "Alta Traição", com Emil Jannings, Lewis Stone, Neil Hamilton, Florence Vidor; "Pirata Negro", com Douglas Fairbanks Jr; "Sol da Meia Noite", com Laura La Plante e Pat O'Maley; "Moeda Quebrada", com Edie Polo, Jack Holt, Grance Cunard. E como o melhor filme em qualquer fase do cinema. "O Nascimento de uma Nação". Está claro que êstes não são os melhores, mais foram os que me deixaram forte impressão. Os leitores do Rio façam fôrça para que filmes como êstes voltem para que a nova geração possa assistir hoje o que entusiasmará ainda amanhã, pois mesmo feitos há mais de vinte anos, obedeceram a uma perfeição absoluta.

DURVALTÉCIO ARAÚJO FONSECA — (Bahia)

"BRIGITE FOSSEY"

França! França! Que do mar, paralizes as ondas, do dia, retires a luz, da noite, apagues o brilho da lua e das estrêlas, mas não negues, entretanto, a ventura de contemplar a graciosidade infantil da "pequenina grande estrêla" Brigite Fossey.

Brigite, você é a inocência feita menina, lançada no borborinho da vida artística, e que a todos suplantou, fazendo convergir para si as honrarias da nossa admiração.

Quem poderá olvidar a meiguice dos seus olhos, a docilidade da sua voz, e mais ainda, a sua capacipade interpretativa?

Do "Brinquedo Proibido", eu guardo fiel na memória, os momentos de emoção e arrebatação que você proporcionou-me.

Se a felicidade consistisse em externar os nossos sentimentos, para que todos soubessem a causa primordial de nossa paz interior, eu diria, num arroubo de orgulho e contentamento:

— Minha felicidade apareceu, quando Brigite chegou, epúrea como um límpido céu azul e mais radiosa que a luz dos pequeninos "astros" que nas noites se espalham pela imensidão do universo!

Como uma jóia valorosa, hei de guardar eternamente no escrutínio do meu coração, a felicidade de tê-la visto na tela, e no futuro, quando o presente se tornar apenas o passado, o seu nome há de perdurar como uma das mais belas coisas que a vida me legou.

LUÍS BONIFÁCIO — (Belo Horizonte)

"IRACEMA VITÓRIA"

Das mais belas "estrêlas" do nosso cinema e teatro, Iracema tem algo mais que simples beleza.

Há alguns anos atrás apareceu esta "garôta espetáculo" no Rio de Janeiro. Foi "estrêla" em boites, fêz cinema e outras coisas mais. Lembro-me que nos filmes musicais brasileiros daquela época. Iracema sempre aparecia mostrando esta maravilhosa plástica que tem.

"A Mulher de Longe" pôs-se a caminho, mas não chegou. Começaram êste filme que tinha Iracema como "estrêla", mas o filme ficou inacabado.



Brigite Fossey, «Inocência feita menina» — trecho de (Luís Bonifácio em seu belo artigo de hoje para a «Página do Leitor»).

Depois o abandono dos meios artísticos. O silêncio... e não se falava mais em Iracema. Porém pensava-se muito nela. Seus fãs não se conformavam com esta separação. No íntimo de cada um algo gritava: "Iracema, volte... volte..."

E ela voltou. Surgiu vestida de grega na revista de Derci Gonçalves: "A Túnica de Vênus". Isto sem grande publicidade. Iracema voltou, mas não como tantas outras que precisam atordoar os fãs com seus nomes para que êles se apercebam dela. Não, com Iracema era diferente: os fãs é que ansiosos, procuravam seu nome em algum espetáculo. E quando o viram, foram correndo atrás dela.

O cinema a chamou. Iracema fêz "Carnaval Atlântida" e nos poucos minutos em que aparecia no sonho de José Lewgoy, foram marcantes. O menor papel, a figura mais notada. De fato Iracema estava mais bela e "vampira" do que nunca.

Surgiram outras propostas. Iracema filmou "Carnaval em Caxias", e depois começou a trabalhar em "Contrabando", filme da Latini Studio, uma das melhores e bem organizadas companhias nacionais.

E ela deve vir cada vez mais, cada vez mais... Quanto mais Iracema aparecer nas telas, mais os fãs exigirão sua presença.

CARLOS AQUINO — (Salvador-Bahia)

"A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA"

A música destaca-se na parte ativa entre os diversos fatôres que contribuem para o êxito de um filme.

Tanto isto é verdade que os diretores nunca descuidam da parte musical. O público em geral, exceto os aficionados, raramente dá valor à música como "back-ground", porque já estão tão acostumados a ouvi-la, que só notariam a sua falta de assistissem a uma película inteiramente desprovida de música. Para exemplificar basta citar o famoso filme "Quando fala o coração", com Ingrid Bergman e Gregory Peck. A intensidade dramática da fita exigia um fundo adequado, uma música tétrica e sinistra, que metesse mêdo na assistência.

O concêrto Spellbound parece que foi escrito especialmente para êsse filme. Nos momentos mais dramáticos, em que era pôsto a prova o talento dos artistas, mais se acentuavam os acordes do concêrto, que é também prefixo do Teatro do Outro Mundo da Rádio Recorde de São Paulo. O filme "A ponte de Waterloo", da dupla Robert Taylor e Vivien Leigh, tornou conhecida no mundo inteiro a famosa Valsa da Despedida; e a cena em que Myra e Roy dançam a valsa no Clube das Velas dificilmente será esquecida. "Love Letters", "My foolish hearth" e "Together", melodias da autoria do compositor e orquestrador Victor Young, se adaptaram perfeitamente aos filmes a que serviram de "back-ground". por serem emotivas e sentimentais, tal como exigia o "script", colaborando assim para que a platéia compreendesse melhor a história dos personagens apresentados. Para afirmar o que digo citarei alguns filmes de grande projeção, que tiveram felizes "back-grounds" musicais aumentando assim a sua possibilidade de êxito. O mais convincente é o de "Belinda", que premiou Jane Wiman como a melhor atriz de 1948, tornando-a uma "estrêla" de primeira grandeza; êste destaca-se por ser um filme que se assiste duas, três ou mais vêzes não só para apreciar o extraordinário trabalho da atriz, mas também pela partitura musical, que é uma das mais belas que temos ouvido.

Outros exemplos: "intermezzo" ("Intermezzo de Provost", "Um lugar ao sol" ("A place in the sun"), "Lili" ("Hi-Lili-Hi-Lô"), "Sansão e dalila" ("Canção de Dalila"), "Depois do Vendaval" ("The isle of Inesfree"), "O maior espetáculo da terra" ("Stand Band"), "Moulin Rouge" ("Canção do Moulin Rouge"), "Verão Indiano" ("Indian Summer"), "A montanha de cristal" ("A lenda da montanha de cristal"), "Matar ou morrer" ("High noon"), "Os brutos também amam" ("Shane"), que dispensam quaisquer comentários.

O cinema americano tem revelado através de seus filmes musicais, as grandes cantoras que o público internacional tanto aplaude. Desde Grace Moore, Jeanette Mac Donald, Ilona Massey, Deanna Durbin, Judy Garland e Jane Powell, até as mais aplaudidas no momento ou sejam, a sardenta Doris Day e Rosemary Clooney.

No Brasil acontece um fato quase inédito: a melhor atriz dramática do nosso cinema é Dóris Monteiro, querida e bela cantora de grandes dotes vocais que só encontra competidoras (matéria de voz), em Ângela Maria, Dalva de Oliveira e Dircinha Batista, que também já apareceram no cinema.

CAIO SÉRGIO HAMILTON — (Santos)

PÁGINA DO LEITOR

(Cont. da pág. 33)

"O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA"

Atraído pelo grande cartaz, e a sensação que causou em todo o Brasil, fui assistir ao novo "colosso" de Cecil B. de Mille "O Maior Espetáculo da Terra" premiado em Hollywood como o melhor filme de 1952.

E a película não me decepcionou. Longe disso. Agradou-me bastante. Muito colorido, cenas gigantescas, um elenco de milhares, enfim um filme que enche os olhos do espectador. Ora, em se tratando de De Mille, não poderíamos esperar outra coisa...

Entre os atores o que mais me impressionou foi Charlton Hestom, magnífico no papel do incansável gerente do Circo. Betty Hutton num papel diferente dos habituais, também muito bem. James Stewart, como o palhaço Buttons tem um bom desempenho.

Por fim, um filme grandioso, o melhor que já fêz Cecil B. de Mille.

JOSÉ ESCHBERGER — (São Leopoldo - R.G.S.)

RÁDIO

(Cont. da pág. 30)

JULINHO encontrou sua chance de estréia através o sêlo Sinter, onde gravou «Baião macumba», de sua autoria e Evaldo Gouvea, e «Baiãozinho bom», dos mesmos autores.

ESTAO PRESTES a aparecer no mercado mais duas novas etiquêtas: a Micro-disc (cujo primeiro Suplemento com cinco discos já está sendo prensado) e os discos infantis Miriam, que apresentarão diversas séries interessantes com cantigas, histórias e contos, «caixinha de música», etc.

MANUEL MACEDO já gravou novo disco na Sinter. Numa face, o dobrado «A xaranga do Matias», de sua autoria e, na outra, o baião de sua autoria e Alventino Cavalcante intitulado «S. João na latada».

FOI LANÇADO também no mercado, um pequeno Album com apenas dois discos «Carroussel», nos quais está narrada, dentro da mais moderna técnica, e com a participação de notáveis artistas do nosso sem fio, a deliciosa história de «Paulinho e a tuba». Êsse Album já vem despertando notável interêsse e, por essa razão, está previsto para o mesmo um êxito fora do comum.

ENTRE os novos lançamentos da Copacabana, destaca-se o mais recente disco de Orlando Silva, atualmente em grande forma e evidência. Suas atuais criações, muito bonitas por sinal, são a valsa-canção «Canta, cigana!», de Ciro Monteiro e Dias da Cruz, e o chôro «Amanhecendo», de Cícero Nunes, Arcênio de Carvalho e R. Lucas. A original valsa-canção já vem tendo grande procura e, por certo, constituir-se-á num novo êxito do «cantor das multidões».

TOUMANOVA...

(Cont. da pág. 11)

bailados já comentados. Embora tivesse expressado melhor «A morte do cisne» no segundo espetáculo. Toumanova crescia sempre tècnicamente provando, assim, a sua facilidade de recuperação. Os seus lindos «arabesques», o equilíbrio, a levesa e a graça e linha dos movimentos se faziam sentir mesmo faltando aquela plenitude que mostrou em 1950, com o elenco da Ópera de Paris. Neste mesmo terceiro espetáculo Roman Jasinky dançou mal «Le Vagabond». E aí está a nossa opinião, sincera e desassombrada das exibições de Toumanova em São Paulo.

CINE-RESPOSTAS

(Cont. da pág. 32)

Paulo) — 285, 286 e 287; Emílio Hage (S. Paulo) — 288, 289 e 290; "Tatu" (Rio) — 318, 319 e 320; "Xandra" (Rio) — 321, 322 e 323; Roberto Dantas (S. Paulo) — 324, 325 e 326; Patrick Alvear (S. Paulo) — 327, 328 e 329; Wacily Thibes (Santa Catarina) — 330, 331 e 332; Palmira Leite (Rio) — 333, 334 e 335; M. Lourdes Leite (Belo Horizonte) — 336, 337 e 338; Jorge Rios — 339, 340 e 341; Marcia (Niterói) — 342, 343 e 344; Lima Nityarina (Rio) — 345, 346 e 347; Pedro Peteov (S. Paulo) — 348, 349 e 350; Gilson de Souza (Rio) — 351, 352 e 353; José Carlos Paradella (Campinas) — 354, 355 e 356; Iris Eliachar (Rio). — 357, 358 e 359; José Horta de Macedo (Santos) — 360, 361 e 362; Edith Costa (Rio) — 363, 364 e 365; E. Andrade (Rio) — 366, 367 e 368; C. Penna (Rio) — 369, 370 e 371; Consuelo de Varma (Rio) — 372, 373 e 374; Chandra Narayan (Rio) — 375, 376 e 377; Otávio dos Santos (Rio) — 378, 379 e 380; Carlo Branco (Rio) — 381, 382 e 383; Cauby Peixoto (Rio) — 384, 385 e 386; Alfredo Bastos Martins (Rio) 387, 388 e 389; Teresa de Paulo (Rio) — 390, 391 e 392; José Cherem (Uberaba) — 393, 394 e 395; Thede Casarini (S. Paulo) — 396, 397 e 398; Goiano (Goiânia) — 399, 400 e 401; H. Maia — 402, 403 e 404; Dora Gomes da Silva — 405, 406 e 407.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME..........................

RUA.................. Nº. ....

CIDADE........................

ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



CABELOS BRANCOS...
Envelhecem
JUVENTUDE
ALEXANDRE
Faz desaparecer e
EVITA-OS SEM TINGIR

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

A CENA MUDA

Fundada em 1921
Secretário
Oswaldo de Oliveira
(Jonald)
Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor
Gratuliano Brito

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SAO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569. Publicidade: W. Farinello — Rua S. Bento, 220, 3º andar — Telefone: 32-1512.

PREÇOS

Número avulso em todo o território Nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00

UM SENSACIONAL
NÚMERO NA PRÓXIMA
SEMANA:

- ★ REPORTAGENS EXCLUSIVAS COM JEAN LOUIS BARRAULT, TAMARA TOUMANOVA, MADELEINE RENAUD E YVONNE DE CARLO!...
- ★ A POESIA NO CINEMA

PRESENTE ANUAL AOS FÃS!

- ★ RONALD COLMAN ENTRE OS GRANDES VULTOS



ARLENE DAHL

KIRK DOUGLAS

NO PRÓXIMO NÚMERO:

★ SUZAN HAYWARD E O ROMANCE QUE ABALOU HOLLYWOOD
★ "NUNCA DESPOSAREI UMA "ESTRÊLA", DIZ ROCK HUDSON
★ MONTGOMERY CLIFT QUER SER DIRETOR!
★ FRANÇOISE ARNOUL NÃO É O QUE SE PENSA
★ FESTIVAL "BALLET"
★ CAROL REED E O DRAMA DAS RUAS...

K.D.6